

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA – UNIFOR-MG**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**  
**RENAN PINHEIRO DE OLIVEIRA**

**CDD X CDU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA**  
**EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**

**FORMIGA-MG**  
**2009**

**RENAN PINHEIRO DE OLIVEIRA**

**CDD X CDU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Formiga – UNIFOR-MG, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Esp. Syrlei Maria Ferreira.

Coorientadora: Regina Célia Reis Ribeiro.  
CRB6-1362

**FORMIGA-MG**

**2009**

O48 Oliveira, Renan Pinheiro.  
CDD X CDU : uma análise comparativa em  
bibliotecas universitárias / Renan Pinheiro  
Oliveira. - 2009.  
92f. : il.

Orientadora: Syrlei Maria Ferreira.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação  
em Biblioteconomia)- Centro Universitário de  
Formiga-UNIFOR-MG, Formiga, 2009.

1. Classificação Decimal de Dewey. 2.  
Classificação Decimal Universal. 3. Biblioteca  
Universitária. I. Título

CDD 025.43

Renan Pinheiro de Oliveira

**CDD X CDU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação Geral de  
Graduação do Centro Universitário de  
Formiga – UNIFOR-MG, como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
bacharel em Biblioteconomia.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Esp. Syrlei Maria Ferreira  
Orientadora

Prof. Esp. Áurea Lopes de Melo  
Examinadora

Formiga, 17 de novembro de 2009.

A Deus, pois sem Ele, esta vitória não teria se concretizado.

Aos meus pais, pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela presença inequívoca em todos os momentos de minha vida, e por me proporcionar que esta importante conquista se tornasse tangível.

Aos meus pais, Gilmar e Maria, que com desprendimento e ternura ofereceram-me todo apoio possível desde o início...

À minha irmã Débora pelo carinho e compreensão.

À minha orientadora, prof<sup>a</sup> Syrlei Maria Ferreira, cujos conhecimentos transpõem todos os níveis de especialização acadêmica, pela amabilidade e disposição benévola em todas as etapas desta pesquisa.

À professora e amiga Sônia Miranda de Oliveira, por seus exímios conhecimentos e valiosas sugestões, que muito contribuíram para o meu crescimento.

À professora Áurea Lopes de Melo, que brilhantemente ministrou a disciplina de classificação, cujo tema deste estudo é fruto.

À professora Simone Soares de Oliveira, pela orientação na escolha e definição do tema desta pesquisa.

A todos os professores que muito contribuíram com a minha formação acadêmica.

Às bibliotecárias: Virgínia Alves Vaz, Regina Célia Reis Ribeiro, Aparecida Castro Campos, Kate Marília D'Carlos Barbosa, Íria Regina Campos e Gleisa Mara Alves, pela amizade e por todas as experiências profissionais que comigo compartilharam.

À minha coorientadora Regina Célia Reis Ribeiro, exemplo de profissionalismo.

Às instituições: UNIFOR-MG e Pontifícia Universidade Católica – PUC Minas Arcos, que sem objeção permitiram a realização desta pesquisa em suas dependências.

Às bibliotecárias da PUC Minas Arcos: Francinara Costa Cândido e Carmorinda Antônia de Souza Ferreira, que contribuíram com o levantamento de dados desta pesquisa.

Enfim, agradeço a todos àqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que eu concluísse esta etapa.

"As delicadas funções de um bibliotecário não se limitam a ordenar e classificar os tesouros confiados à sua guarda. Mais do que tudo é ele o auxiliar diligente dos estudiosos, o guia natural dos que fazem investigações de qualquer natureza [...]"

Ramis Galvão

## RESUMO

Trabalho de conclusão de curso referente a uma análise comparativa entre os sistemas de classificação usuais em bibliotecas universitárias: Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU). A classificação é uma atividade fascinante do trabalho em uma biblioteca. A função que desempenha na organização das informações é das mais importantes, chegando a ser imprescindível, concorre efetivamente para que os sistemas de recuperação da informação alcancem seu principal objetivo: satisfazer as necessidades informacionais dos usuários. Tendo em vista a importância da organização das informações em bibliotecas universitárias, apresenta-se este estudo, com o intuito de averiguar a adequação dos referidos sistemas de classificação no que concerne ao tratamento e recuperação das informações. Por intermédio desta pesquisa, relatou-se as experiências de bibliotecários e usuários, quanto ao tratamento técnico e a recuperação das informações em suportes informacionais classificados nos sistemas CDD e CDU. Pretende-se com este estudo apontar as prováveis eficiências e deficiências de cada sistema, oferecendo subsídios para aqueles bibliotecários que pretendem implantar ou adequar um sistema de classificação em bibliotecas universitárias.

Palavras-chave: Classificação. CDD. CDU. Bibliotecas universitárias.

## **ABSTRACT**

Work of conclusion of course referring to a comparative analysis enters the usual systems of classification in university libraries: Dewey Decimal Classification (DDC) and Classification Decimal Universal (CDU). The classification is a fascinating activity of the work of a library. The function that it executes in the organization of the knowledge is of the most important, even essential, concurs effectively to that the systems of recovery of the information reach its main objective: to satisfy the necessities of the users. Having of the importance of the organization of the information in university libraries, this study is presented, with the intention of inquire the adequacy of the cited systems of classification en respect of the treatment and recovery of the information. Through the research, it was related the experiences of librarians and users, with reference to the technical treatment and the recovery of the information in classified information supports in systems CDD and CDU. It is intended with this study to point the probable efficiencies and deficiencies of each system, being offered subsidies to those librarians whom intend to implant or to adjust a system of classification in university libraries.

Keywords: Classification. DDC. CDU. University libraries.

## LISTA DE GRÁFICOS

### **Bibliotecários:**

<b>GRÁFICO 1 – Importância da classificação .....</b>	<b>57</b>
<b>GRÁFICO 2 – Manuseio das tabelas .....</b>	<b>58</b>
<b>GRÁFICO 3 – Uso das tabelas auxiliares .....</b>	<b>58</b>
<b>GRÁFICO 4 – Análise do assunto .....</b>	<b>59</b>
<b>GRÁFICO 5 – Escolha da classe adequada .....</b>	<b>60</b>
<b>GRÁFICO 6 – Classificação de documentos com vários assuntos .....</b>	<b>61</b>
<b>GRÁFICO 7 – Sistema de classificação utilizado na instituição .....</b>	<b>61</b>
<b>GRÁFICO 8 – Atendimento às necessidades.....</b>	<b>62</b>
<b>GRÁFICO 9 – Especificação dos assuntos .....</b>	<b>63</b>
<b>GRÁFICO 10 – Localização dos livros pelos usuários .....</b>	<b>64</b>

### **Usuários:**

<b>GRÁFICO 1 – Sistema de classificação.....</b>	<b>67</b>
<b>GRÁFICO 2 – Área do conhecimento .....</b>	<b>67</b>
<b>GRÁFICO 3 – Organização por assunto .....</b>	<b>68</b>
<b>GRÁFICO 4 – Outro sistema de classificação .....</b>	<b>69</b>
<b>GRÁFICO 5 – Dinâmica da classificação.....</b>	<b>69</b>
<b>GRÁFICO 6 – Consulta no terminal .....</b>	<b>70</b>

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	12
2	UNIVERSIDADE E BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA .....	16
2.1	A história da universidade.....	16
2.2	Funções da universidade .....	17
2.2.1	Ensino .....	18
2.2.2	Pesquisa.....	19
2.2.3	Extensão .....	20
2.3	A biblioteca universitária.....	21
2.3.1	Formas de organização de estruturas de bibliotecas universitárias.....	22
2.3.1.1	Centralização .....	23
2.3.1.2	Descentralização .....	24
3	SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO.....	26
3.1	A classificação e a filosofia.....	27
3.2	Tipos de classificação documentária .....	28
3.2.1	Classificação Decimal de <i>Dewey</i> (CDD) .....	29
3.2.2	Classificação Expansiva.....	30
3.2.3	Classificação da Library of Congress .....	30
3.2.4	Classificação Decimal Universal (CDU) .....	31
3.2.5	Classificação de assunto.....	32
3.2.6	Classificação dos Dois Pontos .....	32
3.2.7	Classificação Bibliográfica.....	34
3.3	Tabela de <i>Cutter</i> .....	34
4	CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE <i>DEWEY</i> (CDD) .....	36
4.1	<i>Melvil Dewey</i> .....	36
4.2	Principais edições.....	37
4.3	Como funciona a CDD.....	39
4.3.1	Tabela Principal.....	40
4.3.2	Tabela Auxiliares .....	41
4.3.3	Índice.....	42
5	CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL (CDU) .....	43
5.1	Histórico.....	43

5.2	Edições publicadas.....	45
5.2.1	Edições desenvolvidas .....	45
5.2.2	Edições médias .....	46
5.2.3	Edições abreviadas.....	46
5.2.4	Edições condensadas.....	47
5.2.5	Edições especiais.....	47
5.3	Como funciona a CDU.....	47
5.3.1	Tabela Sistemática .....	48
5.3.2	Tabelas Auxiliares .....	49
5.3.3	Índice alfabético .....	50
6	<b>MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>52</b>
6.1	Tipo de pesquisa .....	52
6.2	Caracterização do campo de estudo .....	53
6.3	Amostra.....	54
6.4	Considerações éticas.....	54
6.5	Instrumentos e procedimentos .....	55
6.6	Tratamentos dos dados .....	56
7	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>57</b>
7.1	Bibliotecárias – questões objetivas.....	57
7.2	Bibliotecárias – questões discursivas.....	65
7.3	Usuários.....	66
8	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>72</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>
	<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>78</b>
	<b>APÊNDICE A – Modelo do questionário aplicado às bibliotecárias.....</b>	<b>79</b>
	<b>APÊNDICE B – Modelo do questionário aplicado aos usuários .....</b>	<b>81</b>
	<b>ANEXO A – Termo de aceite de orientação.....</b>	<b>82</b>
	<b>ANEXO B – Carta de apresentação do aluno.....</b>	<b>83</b>
	<b>ANEXO C – Declaração de aceite da empresa.....</b>	<b>85</b>
	<b>ANEXO D – Carta de ciência e autorização.....</b>	<b>87</b>
	<b>ANEXO E – Termo de consentimento livre e esclarecido.....</b>	<b>89</b>
	<b>ANEXO F – Declaração de obrigatoriedade e sigilo .....</b>	<b>90</b>
	<b>ANEXO G – Parecer consubstanciado de aprovação COEPEH/ UNIFOR-MG .....</b>	<b>92</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em ambientes universitários, a busca por informações está cada vez mais crescente e urgente, por parte dos docentes e discentes. A biblioteca universitária deve ser a base da instituição, pois constitui-se, por excelência, no repositório das informações que são por ela disseminadas.

A biblioteca universitária nada mais é que uma universidade em si mesma. As universidades são centros transmissores do saber, através do ensino e dos livros. Temos a palavra falada e a palavra escrita a serviço da cultura. Desde os mais remotos tempos a universidade e a biblioteca, trabalhando na mais íntima reciprocidade têm desempenhado a função de preservar e disseminar o conhecimento. (PRADO, 1992, p. 13).<sup>1</sup>

A autora afirma que biblioteca e universidade são elementos indissociáveis, pois ambas estão a serviço da disseminação da informação, fazendo com que a ciência não seja um fenômeno estático, mas sim um fenômeno em crescimento, com constantes inovações.

A biblioteca deve estar preparada em todos os aspectos para receber as demandas informacionais da comunidade acadêmica, visando sempre a eficácia na recuperação da informação pelos usuários. A recuperação de todo o conteúdo que é abrigado nas bibliotecas universitárias se dá, devido ao trabalho de organização do acervo que está intrinsecamente ligado ao sistema de classificação adotado.

Uma biblioteca com o seu acervo não classificado se torna um caos, com possibilidades remotas de se recuperar a informação desejada. Partindo do pressuposto do que afirma a quarta lei do grande bibliotecário hindu Ranganathan que se deve *poupar o tempo do leitor*, é inquestionável ter que se primar pela organização do acervo, visando a agilidade nos processos de busca da informação para o usuário. Essa organização é feita por intermédio de métodos, técnicas e instrumentos adequados, que devem atender às necessidades dos usuários, possibilitando que as informações contidas nos documentos possam chegar-lhes em menor tempo possível.

---

<sup>1</sup> PRADO, Heloísa de Almeida. **Organização e administração de bibliotecas**. 2. ed. rev. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

De acordo com estudos científicos inerentes à área, o mais adequado instrumento de organização dos acervos é a classificação, que pode ser definido da seguinte maneira:

Classificação, num sentido geral é reunir em classes ou grupos, coisas que apresentam entre si certos traços de semelhança, ou até mesmo de diferença. Podemos ainda dizer que a classificação é um processo mental por meio do qual podemos distinguir coisas, pelas suas semelhanças ou diferenças, estabelecer suas relações e agrupá-las de acordo com essa relação. A classificação torna-se, pois, a arte de colocar diversas coisas desordenadas em um todo ordenado. (SOUZA, [19--?], p. 3).<sup>2</sup>

Explicitando a definição do autor, pode-se afirmar que a função da classificação em uma biblioteca, consiste em conceder aos documentos um lugar exato através de um sistema de classificação, no qual os vários ramos do conhecimento humano estejam agrupados de acordo com o seu conteúdo.

Pode-se perceber ao realizar um estudo retrospectivo sobre o assunto, que a técnica de classificar é uma atividade antiga, que começou a ser desenvolvida nos tempos a.C, pelos filósofos, e está presente até os dias atuais contemplando as mesmas atribuições: selecionar, agrupar, categorizar, dentre outros.

Sobre os vários sistemas de classificação existentes na literatura, destacam-se como os mais utilizados em bibliotecas universitárias a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU).

Tendo em vista a importância da organização das informações nas bibliotecas universitárias, propõe-se aqui, um estudo de um dos mais importantes processos técnicos inerentes à organização de acervos: a classificação. Por intermédio do referido estudo, foi realizada uma análise comparativa entre os dois principais sistemas de classificação CDD e CDU, onde foram avaliadas as opiniões de bibliotecários e usuários, concernentes aos respectivos sistemas. Portanto, escolheu-se como campo para a realização desta pesquisa, a biblioteca Ângela Vaz Leão do Centro Universitário de Formiga – UNIFOR-MG, que utiliza o sistema CDD e a biblioteca da Pontifícia Universidade Católica – PUC Minas em Arcos – MG, usuária do sistema CDU.

---

<sup>2</sup> SOUZA, José Soares de. **Classificação**: sistemas de classificação bibliográfica. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins, [19--?].

A motivação que norteou a realização deste trabalho é a necessidade de se averiguar a adequação dos sistemas de classificação CDD e CDU ao tratamento e recuperação da informação em bibliotecas universitárias.

Com a realização deste estudo, procurou-se alcançar as seguintes metas:

- a) levantar historicamente os principais métodos de classificação existentes;
- b) comparar os dois sistemas classificatórios CDD e CDU, de acordo com referencial teórico, visando apontar prováveis eficiências e deficiências de ambos;
- c) elencar relatos de experiência de bibliotecários e usuários, quanto ao tratamento técnico e a recuperação das informações em suportes informacionais classificados nos sistemas CDD e CDU;
- d) oferecer aos profissionais bibliotecários subsídios para escolher e definir qual o método de classificação que mais se adequa à realidade de sua instituição.

Os dois referidos sistemas de classificação usuais em bibliotecas universitárias podem satisfazer as demandas informacionais dos profissionais bibliotecários e dos usuários, mas também é possível, que os referidos sistemas atendam apenas às demandas informacionais dos bibliotecários, não se adequando às necessidades dos usuários, que fazem uso de terminologias específicas em suas buscas, não necessariamente contempladas pela indexação e pela classificação.

As bibliotecas universitárias, como já foi visto, são disseminadoras de grande parte das informações que circulam num ambiente acadêmico. Nelas, as informações reunidas contribuem para o processo de aprendizado e desenvolvimento de pesquisas pela comunidade acadêmica, fortalecendo o tripé que sustenta as universidades: ensino, pesquisa e extensão. As universidades são detentoras do conhecimento e o transmitem, por intermédio do ensino, aos educandos; através da pesquisa, aprimora os conhecimentos existentes e produz novos conhecimentos e, por meio da extensão, é que se procede a difusão, socialização e democratização do conhecimento existente, bem como das novas descobertas à comunidade.

A coleção de uma biblioteca universitária é constituída de vários suportes informacionais como: livros, periódicos, multimeios, bases de dados, e outros, que

contêm informações que devem ser tratadas tecnicamente, visando sua posterior recuperação. Sabe-se que estas informações quando não organizadas, não são recuperadas devidamente, e, portanto não atendem à sua função precípua que é ser disseminada.

Sabedor da importância da atividade de classificação para a recuperação da informação em bibliotecas universitárias, e possuindo grande afinidade com os sistemas de classificação, realizou-se este estudo que visa contribuir com a literatura já existente na área, e apontar as eficiências e deficiências de cada um dos sistemas, no sentido de oferecer subsídios para aqueles bibliotecários que pretendem implantar ou adequar um sistema de classificação em bibliotecas universitárias.

Este trabalho está estruturado em oito capítulos, sendo eles: **Introdução**, que possibilita ao leitor ter uma visão holística do assunto abordado no trabalho; **Universidade e Biblioteca Universitária**, traz informações importantes que caracterizam o campo de pesquisa deste estudo; **Sistemas de Classificação**, apresenta as definições e os principais sistemas: **CDD**; **CDU**; estes dois últimos capítulos encerram a parte teórica do trabalho e são constituídos por conteúdos específicos, e contemplam diversas informações inerentes aos referidos sistemas.

Os capítulos subsequentes são: **Materiais e Métodos**, que esclarece sobre os instrumentos, métodos, procedimentos, e outros que foram utilizados no desenvolver da pesquisa; **Resultados e Discussão**, analisa de maneira argumentativa, com auxílio de gráficos, as respostas que foram obtidas através dos questionários aplicados; e por fim a **Conclusão**, que apresenta o desfecho e o parecer que se obteve ao término da realização da pesquisa.

Espera-se com este estudo, corroborar os dados obtidos com o referencial teórico apresentado, para apontar qual o sistema de classificação bibliográfica é mais adequado para bibliotecas universitárias.

Pretende-se ainda elencar as principais características e deficiências dos sistemas de classificação: CDD e CDU, proporcionando subsídios para aqueles que desejarem implantar um sistema de classificação.

## 2 UNIVERSIDADE E BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

### 2.1 A história da universidade

Atualmente, há um avanço imensurável na produção da informação, e cada vez mais, as pessoas estão em busca do conhecimento. Isso se reflete no aumento do número de pessoas matriculadas em Instituições de Ensino Superior (IES). Mas nem sempre foi assim. A história da universidade começa como um bem cultural acessível à minoria. A universidade era um privilégio de poucos.

De acordo com Buarque (1994, p. 19): “A universidade surgiu como contemporânea de uma transição no momento em que a Europa dos dogmas e do feudalismo iniciava seu rumo ao renascimento do conhecimento e à racionalidade científica, do feudalismo ao capitalismo.”<sup>3</sup>

A universidade foi instrumento da criação do novo saber que serviria ao Novo mundo, tendo em vista que o conhecimento da filosofia clássica dos gregos era mantido nos conventos.

Na Antiguidade Clássica, na Grécia e em Roma, surgiram escolas de alto nível para formar especialistas em Medicina, Filosofia, Retórica e Direito.

No final da Idade Média, em meados do século XI a XV, nasce a universidade identificada com sua sociedade e cultura.

No século XIX, com o incremento da industrialização, instituiu-se a Universidade Napoleônica, na França, que surgiu em função de necessidades profissionais e sua estrutura era fragmentada em escolas superiores.

Souza (2001, p. 9) afirma que: “A universidade, como hoje se conhece, é uma organização que se constituiu, a partir do século XIII, no mundo ocidental.”<sup>4</sup>

Em 1808, após a vinda de Dom João VI para o Brasil, criou-se os primeiros estabelecimentos de ensino superior que buscavam formar profissionais para os serviços públicos voltados à administração do país. As áreas privilegiadas eram Medicina, Engenharia e Direito.

<sup>3</sup> BUARQUE, Cristovam. **A aventura da universidade**. São Paulo: Ed. da UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

<sup>4</sup> SOUZA, Francisco das Chagas de. **Escrevendo e normalizando trabalhos acadêmicos: um guia metodológico**. 2. ed. rev. e atual. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

E assim, foram criados, em 1808, os primeiros estabelecimentos de ensino médico-cirúrgico de Salvador e Rio de Janeiro; em 1854, as faculdades de Direito de São Paulo e Recife; em 1930, a Universidade de Minas Gerais e em 1934, a Universidade de São Paulo e a do Distrito Federal.

De acordo com Ferreira (1980, p. 10), em 1968 foi promulgada a Lei nº 5.540 da Reforma Universitária, que se fundamentou na renovação do conceito do ensino superior, e insistia que a universidade deveria cultivar as áreas fundamentais do saber, estudadas como base para posteriores aplicações técnico-profissionais.<sup>5</sup>

A Lei da Reforma Universitária em seu Art. 1º preconiza que: “O ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes, e também a formação de profissionais de nível universitário.”<sup>6</sup>

Segundo Buarque (1994, p. 133): “A universidade ajudou a humanidade a dar um dos maiores de seus passos, ao conseguir fazer o pensamento sair dos dogmas da revelação divina e descobrir a possibilidade da certeza das descobertas científicas.”

Atualmente, a universidade, devido seu caráter universal, múltiplo e diversificado, é entendida como uma instância privilegiada de criação/produção de saberes, formação de competências e de difusão da experiência cultural e científica da sociedade.

## 2.2 Funções da universidade

As universidades são instituições que detêm um papel essencial na sociedade em que vivemos, principalmente devido à importância do saber teórico.

Como vimos a legislação brasileira, seguindo um princípio universal, fixa que o ensino superior tem por objetivo o desenvolvimento do conhecimento, das ciências, da pesquisa e a formação de profissionais, bem como a extensão das

<sup>5</sup> FERREIRA, Lusimar Silva. **Bibliotecas universitárias brasileiras**: análise de estruturas centralizadas e descentralizadas. São Paulo: Pioneira, 1980.

<sup>6</sup> BRASIL. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 nov. 1968. Disponível em: < <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102363>>. Acesso em: 25 out. 2009.

atividades de ensino e resultados da pesquisa à comunidade. Necessariamente, esses objetivos implicam no processo de criação e transmissão de conhecimentos.

De acordo com Souza (2001, p. 9): “[...] há uma convergência de atividades realizadas na universidade que visam à produção do progresso social e econômico de forma integrada. É realizada a reunião do ensino, pesquisa e extensão [...]”

Desta forma, o ensino, a pesquisa e a extensão são os principais objetivos ou funções de uma universidade, como uma de suas maiores virtudes e expressão de compromisso social.

Martins ([200-?], p. 1) considera que: “O exercício de tais funções é requerido como dado de excelência no ensino superior, fundamentalmente voltado para a formação profissional à luz da apropriação e produção do conhecimento científico.”<sup>7</sup>

### 2.2.1 Ensino

Entende-se por ensino, o processo de construção do saber. Fundamentalmente, ensino é a transmissão de conhecimento, e torna-se uma atividade essencial, porque o saber histórico e universal acumulado precisa ser repassado de geração em geração. A inovação do saber depende desta acumulação e da habilidade de sua transmissão.

A teoria em si não transforma o mundo. Pode contribuir para a sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e em primeiro lugar tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. (VÁSQUEZ, 1968, p. 206).<sup>8</sup>

Em termos de ensino, a universidade deve oferecer aos seus alunos todos os recursos necessários, que propiciam a transmissão do conhecimento de maneira efetiva e eficaz. Também deve trabalhar no viés de formar profissionais qualificados, pois estes serão os pilares da sociedade.

<sup>7</sup> MARTINS, Lígia Márcia. **Ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, [200-?]. Disponível em: <[http://www.fmvz.unesp.br/Eixos/Eixo\\_2/ensino-pesquisa-extensão.pdf](http://www.fmvz.unesp.br/Eixos/Eixo_2/ensino-pesquisa-extensão.pdf)> Acesso em: 08 out. 2009.

<sup>8</sup> VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

## 2.2.2 Pesquisa

Se por um lado, o ensino coloca o aluno em confronto com o produto da ciência, a pesquisa o coloca em relação com o seu desenvolvimento, instrumentalizando-o para produzir conhecimentos.

Segundo Nascimento (1994, p. 159) a pesquisa “[...] prima por uma prática empírica no tratamento de problemas que, na maioria dos casos, revelam-se irrelevantes ou impertinentes quando contrapostos às reais necessidades do conjunto da sociedade.”<sup>9</sup>

Pode-se dizer que pesquisar é essencial porque é disto que provém a inovação.

De acordo com Demo (1981, p. 1): “Somente é Universidade aquela instituição capaz de gerar conhecimento original, através da pesquisa, que neste sentido, será a postura básica a ser transmitida aos estudantes.”<sup>10</sup>

A pesquisa é um processo sistemático de construção do conhecimento que tem como objetivo gerar novos conhecimentos e/ou comprovar algum conhecimento.

Desta forma, a pesquisa torna-se um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual esta se desenvolve.

Assim, é no ensino universitário que deve estar sendo construído o sentido da pesquisa, não pela ministração de disciplinas como Metodologia Científica ou Metodologia da Pesquisa, mas no cotidiano das leituras de textos escritos e na realização de trabalhos monográficos, seminários e outras formas de interação didático-pedagógica, em que o estudante possa comparar, discutir e alcançar suas próprias conclusões acerca de um certo tema. (SOUZA, 2001, p. 55).

As universidades, pensando em fortalecer o processo de ensino-aprendizagem, promovem diversos eventos como: palestras, seminários, simpósios, fóruns, mesa redonda, e outros. Estes eventos abordam diversificados temas, com o intuito de aperfeiçoar os conhecimentos dos alunos e com isso lhes oferecer uma formação integral.

<sup>9</sup> NASCIMENTO, Maria Alice Rebello. Compartilhamento e integração: a articulação da biblioteca universitária com a sociedade através da estratégia de extensão. In: SEMINÁRIO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8., 1994, Campinas. **Anais...** Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

<sup>10</sup> DEMO, Pedro. **Pesquisa, ensino, extensão**: reflexões sobre questões de consciência social universitária. Brasília, DF: MEC, 1981. Disponível em: <[http://www.silviamota.com.br/.../texto\\_pedro\\_demo\\_as\\_funcoes\\_da\\_universidade.doc](http://www.silviamota.com.br/.../texto_pedro_demo_as_funcoes_da_universidade.doc)>. Acesso em: 05 de out. 2009.

### 2.2.3 Extensão

A palavra extensão nesse contexto, implica em estender-se, em levar algo a algum lugar ou a alguém. Não se deve, portanto, confundir extensão com cursos de extensão universitária. As atividades de extensão, representam um dever constitucional das universidades, são bastante amplas, complexas e não se confundem com cursos de extensão.

A LBD/ 1996, em seu Art. 43, afirma que as instituições devem: “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.”<sup>11</sup>

Pode-se dizer que a extensão liga-se à aplicação do conhecimento adquirido. A extensão universitária é, na realidade, uma forma de interação entre a universidade e a comunidade na qual ela está inserida.

Funciona como uma via de mão dupla, onde a universidade leva conhecimento e assistência à comunidade e dela recebe influxos positivos como retroalimentação.

De acordo com Martins ([200-?], p. 7): “[...] a extensão ocupa lugar tão importante quanto ensino e pesquisa, pois é, sobretudo, por meio dela que os dados empíricos imediatos e teóricos se confrontam, gerando as permanentes reelaborações que caracterizam a construção do conhecimento científico.”

Através da extensão, a universidade tem a oportunidade de levar à comunidade os conhecimentos de que é detentora, os novos conhecimentos que produz com a pesquisa, e que normalmente divulga com o ensino.

Silva (1997, p. 148) afirma que:

As atividades de extensão bem planejadas, bem estruturadas e bem executadas permitem à universidade socializar-se e democratizar os conhecimentos dos diversos cursos e áreas, e também preparar seus profissionais, não somente com a estratégia do ensino-transmissão, mas complementando a formação com a estratégia do ensino-aplicação.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102480>>. Acesso em: 25 out. 2009.

<sup>12</sup> SILVA, Oberdan Dias da. O que é extensão universitária? **Integração**: ensino-pesquisa-extensão, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 148-149, maio 1997.

### 2.3 A Biblioteca Universitária

Biblioteca e universidade são instituições indissolúveis nas quais o objetivo principal é a satisfação das necessidades informacionais de uma comunidade social, em geral, e da sociedade acadêmica, em particular.

Da unificação dessas instituições, surge o conceito biblioteca universitária, onde sua atuação deve ser vinculada às políticas da instituição à qual pertence, independente de ser pública ou particular.

A Biblioteca Universitária, por sua vez, pode ser entendida como a instância que possibilita à universidade atender às necessidades de um grupo social ou da sociedade em geral, através da administração do seu patrimônio informacional e do exercício de uma função educativa, ao orientar os usuários na utilização da informação. (LÜCK et al., 2000, p. 1).<sup>13</sup>

As bibliotecas universitárias são um ambiente de fundamental importância nos processos de pesquisa e inovação tecnológica do país, pois conservam o conhecimento universitário e têm a principal função de intermediárias entre o conhecimento e seus usuários. Constituem uma organização social prestadora de serviços, criada e mantida para dar sustentação aos programas de ensino, pesquisa e extensão por meio de suas coleções, produtos e serviços de informação.

O ensino superior, para ser produtivo, depende da interação de diversas partes do sistema que o apóia. A biblioteca universitária, como uma das partes mais importantes desse sistema, merece atenção especial de seus dirigentes e administradores, de forma que a comunidade acadêmica possa identificá-la como a organização que sustenta suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. (KLAES; PFITSCHER, 1994, p. 290).<sup>14</sup>

Hardesty (1991 *apud* Klaes; Pfitscher, 1994, p. 292), na introdução de seu livro, afirma que a biblioteca é o coração da universidade.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> LÜCK, Esther Hermes et al. A biblioteca universitária e as diretrizes curriculares do ensino de graduação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

<sup>14</sup> KLAES, Rejane Raffo; PFITSCHER, Eloisa Futuro. Ainda e sempre a questão da integração biblioteca e universidade. In: SEMINÁRIO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8., 1994, Campinas. **Anais...** Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

<sup>15</sup> HARDESTY, Larry. **Faculty and the library: the undergraduate experience.** Norwood: Arlex, 1991.

Desta forma, a biblioteca universitária é a unidade organizacional dentro da universidade que contém o núcleo da sabedoria, do talento e da percepção conceitual do processo de comunicação e transmissão do conhecimento.

A biblioteca universitária é um dos instrumentos essenciais no processo de ensino/aprendizagem.

Atualmente, não se pode gerar ensino e conhecimento sem a utilização da biblioteca, pois esta possibilita o acesso à informação, favorecendo o desenvolvimento de potenciais, capacitando as pessoas a formarem suas próprias idéias e tomarem suas próprias decisões.

Assim como a universidade deve estar voltada para as necessidades educacionais, culturais, científicas e tecnológicas do País, as bibliotecas devem trabalhar visando a esses mesmos objetivos, condicionadas que são às finalidades fundamentais da universidade. Por isso, as bibliotecas devem participar ativamente do sistema educacional desenvolvido pela universidade. (FERREIRA, 1980, p. 7).

Pode-se afirmar que, pela qualidade do acervo e dos serviços prestados pela biblioteca, é possível medir o grau de desenvolvimento e de qualidade de uma universidade.

A função da biblioteca é imprescindível para se alcançar os objetivos principais da universidade, que são as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

### **2.3.1 Formas de organização de estruturas de bibliotecas universitárias**

Entende-se por organização, um planejamento intencionalmente estruturado com o propósito de atingir objetivos específicos.

Desta forma, seja qual for o tipo de organização da estrutura de uma biblioteca universitária, ele sempre terá suas atividades voltadas para o cumprimento dos objetivos estabelecidos pela instituição, visando sempre o suprimento das necessidades informacionais de seus usuários.

Não há como se definir qual o melhor sistema, mas qualquer opção deve basear-se, principalmente na eficiência operacional - do ponto de vista do usuário - e a eficiência econômica - do ponto de vista da administração.

Segundo Ferreira (1980, p. 14, 17), as formas de organização estrutural da biblioteca universitária são: a Centralização e a Descentralização. O autor ainda afirma que:

Em toda organização, a decisão de centralizar ou descentralizar deve ser tomada após a análise de uma série de fatores, inclusive tipo, tamanho e objetivos da organização, localização geográfica, além de recursos humanos e materiais disponíveis.

### **2.3.1.1 Centralização**

A Centralização é a existência de um centro de administração do sistema de bibliotecas de uma instituição. Existem dois tipos possíveis de Centralização: a Centralização Parcial e a Centralização Monolítica.

A Centralização Parcial envolve a realização dos serviços de aquisição e processamento técnico dos materiais bibliográficos por uma unidade que é encarregada de atribuições executivas e normativas, mas que transfere para as bibliotecas da rede – bibliotecas departamentais ou setoriais, faculdades, institutos ou centros – os serviços de conservação de seus respectivos acervos e o atendimento aos usuários. Desta forma, se tem uma rede de bibliotecas coordenadas por uma unidade central.

A Centralização Monolítica consiste na existência de uma única biblioteca universitária, a qual reúne num mesmo local todo o acervo bibliográfico para uso da comunidade acadêmica. Neste caso, há também processamento, aquisição e atendimento central. Assim, concentram-se em uma única unidade os processos e serviços da biblioteca.

São vantagens da Centralização:

- a) oportunidade de haver uma biblioteca completa, sobre diversos assuntos, fazendo com que o usuário faça sua pesquisa sem precisar se locomover de uma unidade para outra;
- b) uma só biblioteca poderá ter melhor qualidade dos serviços prestados, com menor custo, evitando-se duplicações desnecessárias de documentos, materiais e equipamentos.

### **2.3.1.2 Descentralização**

A Descentralização é a dispersão do acervo, podendo ser feita segundo a estrutura das unidades de ensino da universidade ou segundo as áreas do conhecimento. Desta forma se teria, respectivamente, bibliotecas de faculdades, de institutos, de departamentos, etc.

A Descentralização pode ser livre, sem qualquer controle ou coordenação. Cada unidade agindo de forma totalmente independente, bem como pode sujeitar-se à cooperação, uma espécie de acordo, mas sem imposições legais ou estatutárias.

Com a Descentralização das unidades bibliotecárias, ocorre a descentralização de verbas e localização, ocorrendo duplicações de serviços e materiais, sendo algumas destas duplicações de alto preço.

Quanto às duplicações, cita-se como exemplo, os gastos com assinaturas de periódicos científicos. A crescente interdisciplinaridade do conhecimento científico torna cada vez mais difícil a fixação de fronteiras precisas entre as áreas do conhecimento, o que acarreta a duplicata de assinaturas de periódicos.

São vantagens da Descentralização:

- a) necessidade de o material bibliográfico estar localizado próximo aos leitores, sem que os mesmos precisem se deslocar de sua unidade de ensino para a biblioteca central;
- b) maior rapidez na aquisição do material bibliográfico solicitado por professores e pesquisadores.

### 3 SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO

A classificação é um processo que faz parte do cotidiano da maioria das pessoas, o que, às vezes, acontece até de forma inconsciente. A classificação se dá no modo como organizamos objetos, gavetas, cores, roupas, alimentos, documentos pessoais, dentre outros, com alguma prioridade ou finalidade.

Cada um de nós tem uma ideia pré-concebida e esboçada do que é classificação. De acordo com Souza ([19--?], p. 3); “A classificação torna-se, pois, a arte de colocar diversas coisas desordenadas em um todo ordenado.”

Desde a antiguidade havia uma preocupação em classificar e organizar todo e qualquer material que o homem tinha em mãos, o que se presume a importância de se registrar a história, que é a cultura e a memória de qualquer povo.

Várias formas de ordenação foram sugeridas por tamanhos, cores, séries e corpos. Fragmentos de vários sistemas evoluíram para novas teorias de classificação.

Classificação no sentido biblioteconômico, é o arranjo dos livros em classes de assuntos, ao mesmo tempo que se lhes destinam lugares nas estantes, de acordo com esses assuntos. Classificação sem localização, numa biblioteca torna-se, pois, inútil. Passa a ser um trabalho sem finalidade prática. (SOUZA, [19--?], p. 3).

Nas bibliotecas, a classificação tem como função principal a organização do seu acervo, o que concorre para que os sistemas de recuperação da informação (SRI) alcancem seu objetivo que é facilitar o acesso dos usuários à informação contida nesses acervos.

Pode-se dizer que uma unidade de informação universitária que não adota um sistema de classificação em seu acervo, perde o seu sentido de existência, pois torna-se remota a recuperação da informação.

Entende-se dessa forma, que a classificação bibliográfica responde a uma necessidade de organização interna das bibliotecas, visando à comunicação entre os conteúdos armazenados em seu acervo e às necessidades informacionais de seus usuários.

Na biblioteca universitária, a classificação é uma preciosa ferramenta na recuperação da informação, pois ajuda a fazer uma seleção por assuntos e/ou área de interesse, de uma forma ágil e precisa.

Quanto mais universal for o sistema de classificação adotado pela biblioteca, mas probabilidade terá de ser compartilhado.

### 3.1 A classificação e a Filosofia

De acordo com Dahlberg (1979, p. 352), a arte de classificar é tão antiga quanto a humanidade.<sup>16</sup>

O homem sempre buscou transformar suas ideias em formas palpáveis, de maneira que sempre houve a necessidade de selecionar, identificar e organizar seus conhecimentos.

Souza (2001, p. 11) afirma que: “As principais classificações, no decorrer da história, foram puramente filosóficas, científicas e não serviam pra serem aplicadas em livros, como a de Aristóteles, *Francis Bacon*, *Augusto Comte* e atualmente a de *Rudolf Carnap*.”<sup>17</sup>

A primeira classificação sistemática das ciências que se tem registro foi a de Aristóteles (384-322 a.C), que foi o primeiro a trabalhar no arranjo de livros, onde classificou os conhecimentos em Teóricos – Filosofia e Matemática; Práticos – Ciências Sociais e Exatas e Produtivos – Arte e Literatura.

Em 1605, *Francis Bacon* criou um sistema que tratava-se de uma análise baseada nas faculdades humanas da Razão, Imaginação e Memória. O sistema baconiano é baseado no raciocínio de que os sentidos, que são a porta do intelecto, são afetados por objetos exteriores, sendo assim fixados pelo cérebro, que ao receber essas impressões, examina-as pela faculdade Memória, ou faz imitação pela Imaginação, ou as analisa e classifica pela Razão.

<sup>16</sup> DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1972, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT/ABDF, 1972. v. 1, p. 352-370.

<sup>17</sup> SOUZA, Sebastião de. **CDU**: guia para utilização da edição-padrão internacional em língua portuguesa. Brasília, DF: *Thesaurus*, 2001.

No ano de 1822, *Augusto Comte* estabeleceu o conceito de hierarquia das ciências, onde a nova ciência que surge depende da anterior. Ele adotou o princípio da generalidade decrescente e complexidade crescente.

Já *Rudolf Carnap* criou um sistema de classificação que é utilizada até hoje por cientistas. Ele dividiu as ciências em formais e factuais, sendo as formais: a Filosofia e a Matemática que tratam de entes existentes em nível conceitual e abstrato; as factuais são as demais Ciências Humanas e Exatas, que dependem dos fatos e fenômenos.

Durante o século XIX, os filósofos basearam-se em três critérios a fim de propor classificações: tipo de objeto estudado, tipo de método empregado e tipo de resultado obtido. Com a junção de tais critérios e com a simplificação das classificações anteriores, obteve-se a seguinte divisão que é usada até hoje: Ciências Matemáticas, Ciências Naturais, Ciências Aplicadas e Ciências Sociais.

Nunes e Tálamo (2009 p. 33) afirmam que:

A filosofia da classificação ainda tem muito o que contribuir para o estudo e entendimento dos sistemas de classificação. A busca de linguagens modernas e conceitos que abranjam os temas atuais e a gama incessante de informações que surgem diariamente é um desafio para os estudiosos de tais sistemas.<sup>18</sup>

### 3.2 Tipos de classificação documentária

Como já foi dito anteriormente, a classificação consiste no ato de classificar, de distribuir por classes ou categorias seguindo alguma ordem ou método.

Aos bibliotecários cabe a tarefa de classificar documentos para que os usuários da biblioteca possam ter acesso à informação de maneira agilizada e eficiente.

<sup>18</sup> NUNES, Leiva; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Da filosofia da classificação à classificação bibliográfica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 30-48, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=184>>. Acesso em: 15 set. 2009.

Para Valente (2003, p.1): “O grande dilema do bibliotecário começa quando tem que decidir se deve seguir uma linha de classificação mais generalista ou especializada.”<sup>19</sup>

Para que se escolha o melhor sistema de classificação, é necessário levar em consideração a identificação do tipo de biblioteca e quais as características de seus usuários.

Geralmente, os métodos escolhidos para serem adotados em bibliotecas universitárias são aqueles em que a classificação de uma obra é feita minuciosamente.

Os principais sistemas de classificação, segundo Sousa (2001), serão descritos a seguir.

### **3.2.1 Classificação Decimal de Dewey (CDD)**

Desenvolvido pelo bibliotecário *Melvil Dewey* em 1876, esse sistema é hoje o mais aceito em todo o mundo. Organiza o conhecimento humano em dez classes principais, de 0 a 9.

A CDD trabalha no mínimo com três dígitos, que podem se seguidos por um ponto e subclasses. Para complementar a tabela principal, Dewey criou a tabela de divisões de forma, língua, literatura, geográfica e de tempo.

Sua notação é fácil, baseando-se em números arábicos na sequência decimal e também utiliza letras do alfabeto. Suas classes principais sempre são escritas em centena e se subdividem decimalmente.

Uma característica fundamental desse sistema é a adaptabilidade de sua notação às necessidades de bibliotecas de natureza e tamanho diferentes. A CDD pode ser empregada para classificações genéricas, e, igualmente, para classificações específicas.

<sup>19</sup> VALENTE, Iolanda Sofia Rendeiro. **Comparação entre formatos de classificação**: CDD, CDU e LCC. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003. Disponível em: < [http://www.cerem.ufp.pt/~nribeiro/aulas/tid/TID\\_iolanda\\_valente.pdf](http://www.cerem.ufp.pt/~nribeiro/aulas/tid/TID_iolanda_valente.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2009.

Exemplos:

621.38 Engenharia Eletrônica e Comunicações

174.90622 Ética da classe média

### 3.2.2 Classificação Expansiva

*Charles Ammi Cutter* era bibliotecário e foi um crítico da Classificação Decimal de *Dewey*. Ele se desafiou a criar seu próprio esquema de classificação e em 1891 ele elaborou seu próprio sistema baseando-se na classificação de *Bacon*.

Segundo Souza (2001, p. 14): “Sua classificação chama-se Expansiva por considerar o sistema ajustável à expansão do conhecimento humano.”

A Classificação Expansiva é formada por sete tabelas que abrangem todo o conhecimento humano.

Sua notação é alfabética, de forma que as classes principais são representadas por letras maiúsculas e suas subdivisões por letras minúsculas. Os números são usados para representar as subdivisões de forma, geografia e história.

Exemplos:

BX Filosofia da Linguagem

F45 História da Inglaterra

### 3.2.3 Classificação da *Library of Congress* (LC)

Depois de muitos estudos e comparação de todos os sistemas até então existentes, *J. C. Hanson* e *Charles Martel* decidiram que eles próprios deveriam criar um sistema que se adaptasse à situação específica da Biblioteca do Congresso, tanto aos serviços como ao acervo.

Desta forma, em 1901 criou-se o sistema de classificação da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América que teve sua estrutura baseada na Classificação Expansiva de *Cutter*.

A LCC divide o conhecimento humano em vinte classes representadas por letras maiúsculas do alfabeto, de A a Z, exceto pelas I, O, W, X e Y, o que permite o desenvolvimento de pelo menos mais cinco classes principais. Sua notação é formada por letras e números e também possui divisão geográfica, tabelas de forma e cronológica.

Exemplos:

GT4233 Carnaval no Brasil

HG3740 Ciclos Econômicos para Países

### 3.2.4 Classificação Decimal Universal (CDU)

Criado por *Paul Otlet* e *Henry La Fontaine* em 1905, esse sistema de classificação baseia-se na CDD, expandindo-se as tabelas auxiliares. É um sistema padronizado e normalizado que é usado tanto nacional como internacionalmente.

A CDU é um sistema de conceitos hierarquicamente estruturados, onde o conhecimento está dividido em dez classes que se subdividem novamente em forma decimal, do geral ao específico.

Sua estrutura é formada por tabelas principais, tabelas auxiliares e índice alfabético. As tabelas auxiliares têm uma estrutura própria utilizando símbolos matemáticos e pontuação ordinária para diferenciação dentro da notação.

Sua notação é formada por números decimais além de indicadores de facetas especiais, com os dois pontos como um sinal de relação versátil.

A CDU foi criada depois da CDD, e traz um avanço em relação à primeira:

[...] aumento da capacidade de síntese, ou seja, possibilidade de representar assuntos complexos e de classes diferentes por meio de mecanismos de combinação; incorporação do princípio de análise por facetas, princípio que permite uma análise multidimensional dos assuntos [...] (TÁLAMO; LARA; KOBASHI, 1995, p. 55).<sup>20</sup>

<sup>20</sup> TÁLAMO, Maria de Fátima M.; LARA, Marilda Lopes G. de, KOBASHI, Nair Yumiko. Vamos perseguir a informação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 4, p. 52-57, set./dez. 1995.

Exemplos:

34:504                      Direito Ambiental

378"197+199"(81) A Educação no Brasil nas Décadas de 70 e 90 do  
Século XX

### 3.2.5 Classificação de Assunto

*James Duff Brown* entendia que as principais divisões do sistema de classificação são muito suscetíveis a mudanças, mas que o assunto específico não deve mudar.

Foi com esse objetivo que, em 1906, ele defendeu que todos os documentos relacionados a um assunto simples deveriam permanecer juntos e justapostos a outros livros ou documentos a eles relacionados.

A Classificação de Assunto foi muito usada por bibliotecas inglesas.

Sua notação é formada por letras maiúsculas, sendo cada uma seguida de números de 000 a 999. Também são utilizados alguns sinais auxiliares.

Exemplos:

L800W720.10 História do Comércio do Brasil

200+300                  Calor e Som

### 3.2.6 Classificação dos Dois Pontos

Criado por *Ranganathan* em 1933, esse sistema de classificação é usado para relacionar as características dos diversos assuntos.

A Classificação dos Dois Pontos possui cerca de quarenta classes principais arranjados na ordem: Ciência e Tecnologia, Misticismo, Artes, Humanidades e Ciências Sociais.

De acordo com Langridge (1977, p. 91): “Os fenômenos em cada classe são organizados pelas categorias de Personalidade, Matéria e Energia (Espaço e Tempo são tratados como subdivisões comuns aplicáveis a todas as classes).”<sup>21</sup>

A principal característica deste sistema é a subdivisão dos assuntos em facetas e focos.

Sua notação é formada de letras maiúsculas, minúsculas, números arábicos, traço de união e dois pontos.

Exemplos:

J381 Agricultura de Arroz

J:2.44'N5 Adubação Agrícola na Índia em 1950

Com base na Classificação dos Dois Pontos, *Ranganathan* também idealizou a Classificação Facetada, que Lima (2002, p. 190-191) a explica da seguinte maneira:

*Para elaborar uma classificação facetada, examina-se a literatura do assunto com a finalidade de identificar seus conceitos e termos e estabelecer suas características e facetas. Após levantar e definir a terminologia própria do assunto, os termos são analisados e distribuídos em facetas. Como já foi definido, faceta é a coleção de termos que apresenta um relacionamento hierarquicamente igual com o assunto global, refletindo a aplicação de um princípio básico de divisão. As facetas obtidas são inerentes ao assunto e, dentro de cada faceta, os termos que as constituem são suscetíveis a novos agrupamentos, pela aplicação de outras características divisionais, dando origem às subfacetadas. Os termos, nas subfacetadas, são mutuamente exclusivos, isto é, não devem se sobrepor na formação de assuntos compostos. Estabelecidas as facetadas e subfacetadas, é importante determinar a ordem de citação em que serão apresentadas no sistema de classificação. A seguir, ordenam-se todos os elementos em ordem de arquivamento, o que permite colocar o assunto geral antes do específico.*<sup>22</sup>

Exemplo:

Bebida

Bebida hídrica

Bebida hídrica natural

Água potável

Água mineral

<sup>21</sup> LANGRIDGE, Derek. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

<sup>22</sup> LIMA, Gercina Ângela Borem. Análise facetada na modelagem conceitual de sistemas de hipertexto: revisão de literatura. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 189-196, jul./ dez. 2002.

### 3.2.7 Classificação Bibliográfica

*Henry Evelyn Bliss* criou em 1933 o sistema de Classificação Bibliográfica, que divide o conhecimento humano em quatro grandes grupos: Filosofia, Ciências, História, Tecnologia e Artes. Cada um desses quatro grupos foram subdivididos em classes, e essas classes, por sua vez, foram reunidas por sua semelhança.

Não existe na história da classificação, outro exemplo de um classificacionista que tenha levado vinte e cinco anos estudando a classificação, apresentado sua teoria e definido seus próprios princípios para então, conceber seu sistema de classificação.

Sua notação é formada da seguinte maneira: as classes principais são representadas pelas letras do alfabeto, sendo as letras minúsculas destinadas às subdivisões geográficas e os números são usados para divisões de formas. Também possui tabelas auxiliares.

Exemplos:

ZP4 Biografia de Bibliotecários

VDT,H Decoração Interior Portuguesa

### 3.3 Tabela de *Cutter*

Alguns sistemas de classificação também utilizam a Tabela de *Cutter*, criada pelo mesmo autor da Classificação Expansiva, que é uma tabela de códigos que indicam a autoria de uma obra. Nesta tabela, o sobrenome de cada autor tem um número a ele atribuído. Estes códigos correspondentes à autoria do livro, formado por letras e números, aparece na segunda linha do número de chamada das obras nas bibliotecas.

A notação de autor ou número de *Cutter* é formada da seguinte maneira:

- a) inicial do sobrenome do autor;
- b) número atribuído ao sobrenome na Tabela de *Cutter*;

c) inicial minúscula da primeira palavra do título da obra.

O número de chamada funciona como a identidade do livro, cada um tem o seu e não podem existir dois exatamente iguais. Este número serve para localizá-lo na estante, é aquele que consta nas etiquetas coladas na lombada dos livros e outros materiais. É formado pela notação de classificação, número de notação **de autor**, mais a primeira letra do título, desprezando os artigos.

Exemplo:

025.4

F749a

Este número de chamada do livro usado no exemplo, formou-se da seguinte maneira: o *025.4* refere-se ao assunto do livro que é Classificação. Já a notação *F749a* identifica: a letra **F**, que é a inicial do sobrenome do autor *Fosket, Antony Charles*; o número **749** é o número atribuído ao sobrenome do autor pela Tabela de *Cutter* e a letra **a** minúscula, identifica a primeira letra do título: **A** abordagem temática da informação, lembrando-se que o **a** não refere-se ao artigo, e sim à palavra abordagem.

O número de *Cutter* ainda pode ser acrescido das seguintes informações: registro, edição, volume e exemplar.

Exemplo:

344.668

A44c

r. 25630

2. ed.

v. 1

ex. 2

## 4 CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY (CDD)

### 4.1 *Melvil Dewey*

Nascido em 1851, nos Estados Unidos, *Melvil Dewey* era considerado um gênio.

Com a idade de cinco anos revelava já o tipo de preocupação que lhe iria marcar a vida inteira: teria proporcionado à despesa de sua mãe uma organização sistemática, mais consentânea com a necessidade de recuperar os itens de mantimentos ali armazenados. (SILVA, 2003, p. 4)<sup>23</sup>

Foi aluno do *Amherst College*, de *Amherst* em *Massachusetts* e lá, em 1872 começou a trabalhar na biblioteca no cargo de assistente de biblioteca.

No ano seguinte, 1873, apresentou um plano de reorganização da biblioteca daquele colégio de uma maneira mais sistemática.

Tendo dedicado seis meses de estudos a quase todos os sistemas conhecidos, decidiu se basear no sistema de *Harris*, que é o inverso do sistema de *Bacon*.

*Dewey* endereçou uma carta ao grande bibliotecário *Ranganathan*, e nesta carta havia um trecho que, de acordo com Lentino (1971, p. 57) dizia o seguinte:

Dia e noite, noite e dia eu pensava na elaboração de um sistema de simples manejo, com notação clara, mnemônica, que pudesse ser expandida e que fosse compreendida até pelos iletrados, sem as complicações dos outros sistemas em uso na época, quando fui a um ofício religioso, num domingo. O pastor iniciou uma prática muito árida que não prendia minha atenção, toda ela voltada para minha Biblioteca, quando inopinadamente me veio à mente o ponto na sequência decimal. Dei um salto do meu lugar, continuou ele, o que causou espanto aos fiéis ali presentes. Corri para o meu gabinete de trabalho e firmei a descoberta da CLASSIFICAÇÃO DECIMAL.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> SILVA, Odilon Pereira da. **Classificação decimal de Dewey**: manual teórico – prático para uso dos alunos da disciplina classificação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília. Brasília, DF: Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, [200-?]. Disponível em:

<[http://www.crb6.org.br/sala\\_Apostilacdd.doc](http://www.crb6.org.br/sala_Apostilacdd.doc)>. Acesso em: 19 set. 2009.

<sup>24</sup> LENTINO, Noêmia. **Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971.

Em 1874, foi promovido a *Assistant College Librarian* e, em 1876, publicou, anonimamente, sua 1ª edição que revolucionaria a Biblioteconomia da época e que teria repercussão no futuro, sob o título: *A classification and subject index for cataloguing and arranging the books and pamphlets of a library.*<sup>25</sup>

No ano de 1887, Dewey fundou a primeira escola de Biblioteconomia dos Estados Unidos, *Columbia University*, e no decurso de uma longa vida, faleceu no ano de 1931, com oitenta anos de idade.

*Melvil Dewey* participou ativamente de vários aspectos da Biblioteconomia e também de áreas afins, sendo a mais famosa de suas contribuições, a Classificação Decimal.

## 4.2 Principais edições

A primeira edição tinha 42 páginas e era composta por 12 páginas de Introdução, 12 páginas de Tabelas e 18 páginas de Índice.

Sua obra atribuiu pela primeira vez os números decimais aos livros e não às estantes. Havia uma abundância de detalhes dos assuntos principais e também havia um Índice detalhado para o acesso às entradas numéricas do sistema. Essa edição teve uma tiragem de mil exemplares.

A partir da 2ª edição, em 1885, estabeleceu-se um padrão notacional que viria a se manter basicamente sem alterações em todas as próximas edições, desta mesma forma, ficou consagrado o arranjo sistemático.

Em seus estudos, Dewey chegou à conclusão de que um sistema em que houvesse constantes alterações de uma edição a outra, não teria sucesso, pois se assim acontecesse, os bibliotecários teriam de fazer constantes modificações de reclassificação, alterações da notação nos livros e catálogo, mudanças na colocação nas estantes. Diante dessa situação, e, na 2ª edição, anunciou que a partir desta edição, a estrutura de seu sistema não seria mudada. Seriam introduzidas as expansões, se necessário, mas a estrutura básica permaneceria imutável.

---

<sup>25</sup> Uma classificação e índices de assuntos para catalogação e organização dos livros e folhetos na biblioteca. Tradução de Virgínia Alves Vaz.

Até a 14ª edição, em 1942, o sistema de *Dewey* obteve progresso no sentido de proporcionar um maior detalhamento, porém, sem grandes alterações na estrutura básica do esquema.

Na 15ª edição, em 1951, decidiu-se atualizar o esquema, baseando o volume de detalhes das várias seções numa estimativa mais realista das necessidades. Esta edição trouxe diversas inovações como: a terminologia foi revisada e atualizada; a diagramação e a feição gráfica foram aperfeiçoadas; a ortografia adotada por *Dewey* foi abolida, tanto do Índice quanto das Tabelas. Em termos de apresentação, a 15ª edição foi considerada um êxito editorial para a época.

A partir da 15ª edição adotou-se o critério de se estabelecer um intervalo de sete anos entre cada nova edição.

Somente após a 16ª edição o nome de *Dewey* começou a aparecer no título, ou seja, o sistema passou a ser chamado de Classificação Decimal de *Dewey* (CDD).

A CDD atualmente está em sua 22ª edição. Publicada em 2003, abrange alterações globais nas áreas de ciência da computação, medicina, geografia, política, tendências de estilo de vida, entre outros. Essas atualizações da nova edição incluem tópicos emergentes, revisões geográficas, avanços científicos, interesses em crescimento e quase tudo sobre tudo o que é novo. O Índice Relativo foi atualizado com os números e termos criados mais recentemente.

Foram melhoradas a estrutura e terminologias de classificação em áreas como Matemática, Medicina e Saúde, Ciência da Computação e Grupos e Instituições Sociais. As alterações refletem a diversidade cada vez maior dos usuários de bibliotecas e oferecem os meios para satisfazerem melhor suas necessidades.

A 22ª edição da Classificação Decimal de *Dewey* está disponível nos formatos *on-line* e impresso.

### 4.3 Como funciona a CDD

A CDD organiza o conhecimento humano em dez classes principais e depois em subcategorias, dividindo cada área várias vezes, tendo como vantagem classificar não apenas os livros já existentes mas como os que ainda estão por vir. Excluindo a primeira classe, 000 Computadores, informação e referência geral, prosseguem do metafísico (Filosofia e Religião) a matérias normais (História e Geografia).

O sistema é puramente hierárquico e numérico, sendo suas categorias representadas por números decimais de 0 a 9. Para essa representação, são utilizados apenas números e um tipo de sinal gráfico: o ponto (.)

Sobre a notação da CDD, Lentino (1971, p. 60) afirma que é: “Simples, flexível, mnemônica, por usar somente algarismos arábicos na sequência decimal, é a notação da D.C., o que facilita enormemente o desenvolvimento das classes, podendo-se inserir, sempre que necessário, novos números.”

Percebe-se que o uso dos algarismos arábicos como notação foi preferido devido ao caráter universal de sua utilização. A CDD utiliza alguns mecanismos de uma classificação facetada, que combina elementos de diferentes partes da estrutura para construir um número representando o assunto do conteúdo, que frequentemente, combina dois elementos de assuntos juntando números que representam áreas geográficas ou épocas, e sua forma em vez de extrair a representação de uma única lista contendo cada classe e seu significado.

A CDD é formada pela Tabela principal de assuntos, pelas Tabelas auxiliares e pelo Índice.

A Tabela principal de assunto enumera hierarquicamente o conhecimento, nas referidas 10 classes.

As Tabelas auxiliares permitem formular um número mais específico, no sentido de adicionar aspectos relevantes aos assuntos das classes.

O Índice apresenta entrada para cada palavra significativa do esquema. A maioria das palavras são apresentadas no plural e arrumadas palavra por palavra. O classificador deve procurar não só na palavra desejada, mas, também em termos sinônimos ou relacionados a assuntos mais amplos.

### 4.3.1 Tabela Principal

A CDD é composta por dez categorias principais:

- a) 000 Generalidades;
- b) 100 Filosofia e Psicologia;
- c) 200 Religião;
- d) 300 Ciências Sociais;
- e) 400 Línguas;
- f) 500 Ciências Puras;
- g) 600 Ciências Aplicadas;
- h) 700 Artes;
- i) 800 Literatura e
- j) 900 Geografia – História – Biografia.

Cada classe principal consiste em 10 divisões. A divisão zero é empregada para obras gerais em qualquer classe principal, e as divisões um a nove para as demais partes da classe principal.

A notação atribuída a um documento deve sempre constituir-se de, no mínimo, 3 dígitos, mas de tamanho máximo indeterminado, com um ponto decimal antes do quarto dígito presente para representar as extensões para relações entre assuntos, local, época ou tipo de material.

As classes são formadas por divisões para especificar ainda mais o assunto. Tomando como exemplo a classe 600 Ciências Aplicadas, são suas as seguintes subdivisões:

- a) 610 Medicina e Saúde;
- b) 620 Engenharia e operações afins;
- c) 630 Agricultura e Tecnologias relacionadas;
- d) 640 Economia doméstica e vida doméstica;
- e) 650 Administração e serviços auxiliares;
- f) 660 Engenharia química;

- g) 670 Produção;
- h) 680 Produtos manufaturados para uso específico;
- i) 690 Construção.

Cada uma das divisões é formada por subdivisões ou seções. Exemplo:

610 Medicina:

- a) 611 Anatomia;
- b) 612 Fisiologia humana;
- c) 613 Higiene;
- d) 614 Saúde Pública;
- e) 615 Farmacologia – Terapêutica;
- f) 616 Clínica Médica;
- g) 617 Cirurgia;
- h) 618 Ginecologia – Obstetrícia e
- i) 619 Veterinária.

#### **4.3.2 Tabelas Auxiliares**

São assim denominadas porque representam conceitos que podem, virtualmente, ocorrer associados a qualquer assunto das dez classes principais. Em número de sete, são as seguintes:

- a) Subdivisões padrão;
- b) Subdivisões de área;
- c) Subdivisões de literaturas individuais;
- d) Subdivisões de línguas individuais;
- e) Subdivisões raciais, étnicas, nacionais;
- f) Subdivisões de línguas;
- g) Subdivisões de pessoas.

### 4.3.3 Índice

Grande parte da importância do sistema decimal é atribuída em parte ao valor dos seus índices, que segundo Lentino (1971, p. 62) “[...] foram elaborados com o máximo apuro e grande meticulosidade.”

Para melhor utilização do Índice, o classificador precisa saber: o que pode encontrar no mesmo; como é sua organização interna; como usá-lo.

O Índice é altamente estruturado, mas oferece muitos recursos ao classificador que o entende. Ele contém uma entrada para cada termo significativo existente nas tabelas Principais e Auxiliares.

Evidentemente, não é possível incluir no Índice todo aspecto possível de todos os tópicos lá encontrados, sem prejuízo da conveniência de um porte de Índice de dimensões práticas. Por essa razão, nem todos os nomes de pessoas, cidades, instituições, minerais, plantas, animais, compostos químicos, produtos farmacêuticos, produtos manufaturados e similares estão nele incluídos.

## 5 CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL (CDU)

### 5.1 Histórico

Em 1892, o advogado *Paul Otlet* (1868-1944) e o professor *Henri La Fontaine* (1854-1943), humanistas belgas, idealizaram uma bibliografia universal que compilaria todo o tipo de documentos e assuntos.

Na casa de *Paul Otlet*, fundaram o *Office International de Bibliographie*, para compor o trabalho que recebeu o nome de *Répertoire Bibliographique Universel*.

A Classificação Decimal de *Dewey* foi utilizada como instrumento de arranjo para a ordenação das fichas desse Repertório, mas devido aos assuntos compostos que seu trabalho possuía, a CDD não tinha flexibilidade necessária para resolver essa questão.

Em 1895 foi criado, na 1ª Conferência Internacional de Bibliografia, realizada em Bruxelas, o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB).

*Otlet* e *La Fontaine* estudando o sistema de *Dewey* ficaram impressionados com a riqueza do material e também perceberam que a taxonomia do conhecimento humano poderia ser expressa através dos números internacionalmente, de forma que, quanto mais números decimais utilizar, mais específica pode ser a organização da informação. Então, escrevendo para *Melvil Dewey*, obtiveram autorização para sua tradução para o francês.

*Otlet* e *La Fontaine* escreveram a *Dewey* solicitando sua permissão para tornar o seu esquema mais pormenorizado, de modo a adaptá-lo ao arranjo do tipo de índice que tinham em mente (embora o próprio *Dewey* tivesse sempre salientado a importância do catálogo sistemático), o seu esquema, então como hoje, era usado principalmente para a arrumação de livros. (FOSKETT, 1973, p. 233).<sup>26</sup>

<sup>26</sup> FOSKETT, Antony Charles. **A abordagem temática da informação**. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono; Brasília, DF: Ed. da UnB, 1973.

*Dewey* autorizou, com relutância, as alterações, e o IIB juntamente com *Otlet* e *La Fontaine*, puseram-se a traduzir a obra, que foi recebendo várias inovações, adequações e complementos. Eles expandiram e adequaram o sistema de Dewey à classificação de um repertório bibliográfico, representado por aproximadamente 400.000 fichas.

Com as adequações, surgia um novo sistema de classificação que permite o uso de sínteses, ou seja, a composição de números compostos para indicar assuntos inter-relacionados.

Terminado o trabalho de expansão, publicou-se, em 1905, a 1ª edição, em francês, a que deram o nome de *Manuel du Répertoire de Bibliographie Universelle* (Manual do Repertório Bibliográfico Universal), também conhecida como Classificação de Bruxelas, cidade onde o instituto se concentrava.

O Manual possuía as seguintes atribuições (PIEDADE, 1977, p. 79):<sup>27</sup>

- a) a compilação de um repertório bibliográfico universal, formando uma bibliografia em fichas, por autor e assunto, de toda literatura mundial;
- b) aperfeiçoamento e unificação dos métodos bibliográficos;
- c) organização da cooperação bibliográfica internacional;
- d) trabalho pelo aperfeiçoamento da indústria do livro.

Estudando a linguagem universal dos números arábicos e a capacidade de representação da estrutura hierárquica do conhecimento maior, que são as duas características básicas do sistema de *Dewey*, incorporaram-lhe outra característica, segundo afirma Silva e Ganin (1994, p. 6): “[...] a introdução do conceito de relação e dos recursos para representá-la através da síntese, que permite a formação de notações compostas para representar conceitos novos não previstos no sistema.”<sup>28</sup>

Em 1931, o Instituto Internacional de Bibliografia transferiu sua sede para Haia e alterou seu nome para Instituto Internacional de Documentação (IID).

No ano de 1933, o IID publicou a 2ª edição do *Manuel du Répertoire de Bibliographie Universelle*, já com o título que é conhecido até hoje: Classificação Decimal Universal (CDU).

<sup>27</sup> PIEDADE, Maria Antonietta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

<sup>28</sup> SILVA, Odilon Pereira da; GANIN, Fátima. **Manual da CDU**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1994.

Em 1937, o IID passa a se chamar Federação Internacional de Documentação (FID), em reconhecimento a sua autoridade internacional no campo da documentação.

As atualizações, modificações, alterações e expansão da CDU, se dão através da publicação: *Extensions and corrections to the UCD - E & C-*, desde 1949. Inicialmente, essa publicação era semestral. A partir de 1954, passou a ser bimestral, até o ano de 1973. De 1974 a 1992 passou a ser anual, cumulativa de três em três anos.

Do ano de 1993 até atualmente, sua publicação é anual, geralmente no mês de novembro de cada ano.

## **5.2 Edições publicadas**

A publicação da CDU é feita de acordo com a necessidade de classificação nas bibliotecas, instituições e centros de informação. Ela é apresentada através dos seguintes tipos de edições: Desenvolvidas, Médias, Abreviadas, Condensadas e Especiais.

### **5.2.1 Edições desenvolvidas**

A primeira edição internacional foi a edição desenvolvida, intitulada *Manuel du Repertoire Bibliographique Universel*, em francês, no ano de 1905.

A segunda edição, publicada em 1933 pelo Instituto Internacional de Bibliografia, em francês, recebeu o nome de *Classification Decimale Universelle*.

A terceira edição, que é considerada a edição desenvolvida mais completa, foi publicada em alemão, com o título "*Dezimalklassifikation*", em 1934.

Outras edições desenvolvidas foram publicadas nos seguintes idiomas:

- a) inglês – 4a edição;
- b) francês – 5a edição;
- c) japonês – 6a edição;
- d) espanhol – 7ª edição;
- e) alemão – 8a edição;
- f) português – 9ª edição.

### **5.2.2 Edições médias**

Foram publicadas edições médias em alemão, francês, italiano, polonês, russo, japonês e português.

No Brasil, a primeira edição média da CDU, foi publicada em 1976 pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), sendo traduzida da edição desenvolvida em alemão. A segunda edição foi publicada em 1987.

Em 1997, o IBICT publicou a Edição-padrão Internacional em Língua Portuguesa – Tabelas Sistemáticas – Parte 1.

Em 1999, publicou o Índice – Parte 2 da Edição-padrão Internacional em Língua Portuguesa.

### **5.2.3 Edições abreviadas**

Foram publicadas edições abreviadas em quase todos os idiomas, sendo que a edição em língua portuguesa foi publicada em Portugal pelo Centro de Documentação Científica do Instituto de Alta Cultura e pelo então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Também foi publicada uma edição abreviada trilingue, no ano de 1958, em alemão, inglês e francês, acompanhada dos respectivos índices.

#### **5.2.4 Edições condensadas**

Foi publicada somente uma edição condensada em 1967, em francês, com somente 50 páginas.

#### **5.2.5 Edições especiais**

A Federação Internacional de Documentação determinou as edições especiais para uso de especialistas de determinadas áreas, servindo de apoio ao desenvolvimento do conhecimento mundial.

### **5.3 Como funciona a CDU**

A Classificação Decimal Universal é um esquema de classificação uniformizado e normalizado, amplamente usado nacional e internacionalmente, que visa organizar o conhecimento humano.

A CDU é uma linguagem de indexação e de recuperação de todo o conhecimento registrado e na qual cada assunto é simbolizado por um código baseado nos números arábicos. É ainda uma classificação enumerativa, mas já com um pouco de facetação. (SOUZA, 2001, p. 6).

A CDU é baseada em três princípios fundamentais, os quais são:

- a) classificação: por ser uma classificação no sentido restrito da palavra, agrupa ideias nos seus aspectos concordantes;
- b) universalidade: inclui todas as ramificações do conhecimento humano, encarando-as de vários aspectos;

- c) decimalidade: o conhecimento humano é dividido em dez classes, que também se subdividem decimalmente, do geral ao específico, pela adição de cifras decimais.

A CDU é composta por dois volumes: Parte 1 – Tabela Sistemática e Parte 2 – Índice Alfabético.

### **5.3.1 Tabela Sistemática**

A Tabela Sistemática divide-se em outras duas tabelas: a Tabela principal e as Tabelas auxiliares.

A Tabela principal de assuntos divide o conhecimento humano em dez classes. As principais divisões são:

- a) 0 Generalidades;
- b) 1 Filosofia. Psicologia;
- c) 2 Religião. Teologia;
- d) 3 Ciências Sociais;
- e) 4 (Vaga no momento);
- f) 5 Ciências exatas. Ciências naturais. Ecologia;
- g) 6 Ciências aplicadas. Medicina. Tecnologia;
- h) 7 Arte. Arquitetura. Recreação e desporto;
- i) 8 Línguas. Linguística. Filologia. Literatura;
- j) 9 Geografia. Biografia. História e ciências auxiliares.

A classe 4 está vaga devido à característica de flexibilidade para futuras expansões da ciência e da tecnologia.

As classes principais também são divididas decimalmente em subclasses, tornando-se cada vez mais especificadas.

Exemplos:

34 Direito. Jurisprudência  
 34:504 Direito ambiental  
 34.01 Teoria do Direito  
 340 Direito em geral. Propedêutica  
 340.12 Filosofia do Direito

A notação da CDU se constitui de números, letras e sinais, sendo assim, flexível e mista. Pode ser usada com sucesso em computador. O sistema emprega o ponto decimal de três em três algarismos, quebrando as extensões dos números e facilitando a sua leitura, pois são lidos como decimais. Esse ponto tem apenas valor simbólico, não sendo classificatório.

Seguindo o princípio hierárquico de classificação do geral para o particular, a notação acompanha os diversos níveis de detalhamento dessas classes, através do acréscimo de novo dígito decimal até o detalhe desejado, ou o mais próximo existente no sistema. (SILVA; GANIM, 1994, p. 13).

### 5.3.2 Tabelas Auxiliares

As Tabelas auxiliares representam formas de especificar os assuntos por lugar, forma, língua, tempo, e outros, flexibilizando ainda mais a representação dos conceitos. Apresentam-se em duas divisões: os sinais e as subdivisões auxiliares.

O uso destas tabelas permite a construção dos números simples, a construção de números compostos e sínteses.

Conforme cita Souza (2001, p. 38) há ainda 17 sinais auxiliares, comuns na CDU, e estão divididos em 10 Tabelas de 1a até 1k . Não há tabela 1j.

Tabela 1a	+	Coordenação ou adição;
	/	Extensão consecutiva;
Tabela 1b	:	Relação simples;
	[ ]	<i>Subagrupamento;</i>

	::	<i>Ordenação;</i>
Tabela 1c	=	Língua;
Tabela 1d	(0...)	Forma;
Tabela 1e	(1/9)	Lugar;
Tabela 1f	(=...)	Raça;
Tabela 1g	"..."	Tempo;
Tabela 1h	*	Asterisco;
		A/Z Ordem alfabética;
Tabela 1i	.000.	Ponto de vista genérico;
	.00	Ponto de vista comum;
Tabela 1k	-02	Propriedade;
	-03	Materiais;
	-05	Pessoas.

Aparecem também da CDU outros símbolos e notas remissivas:

- a) remissiva "*ver*" aparece por extenso nas tabelas;
- b) seta "→" indica "*ver também*";
- c) subdividir como = indica a divisão paralela, onde os números que antecedem o símbolo podem ser subdivididos de maneira análoga à do número que o segue, o que permitirá uma série exatamente análoga, com os mesmos conceitos e mesmos algarismos.

### 5.3.3 Índice Alfabético

O Índice é uma lista alfabética de conceitos e tem por finalidade proporcionar acesso às classes existentes nas tabelas. Não pretende ser sucedâneo das mesmas, e não deverá jamais ser utilizado por si só na atividade de classificação.

Cada conceito corresponde a uma notação que serve de guia na consulta da Tabela principal, para facilitar e agilizar a localização da notação que se adequará ao assunto pesquisado.

Segundo Oliveira (1980, p. 61): “De modo geral os índices das tabelas da CDU, são satisfatórios, por apresentarem uma boa terminologia, incluindo sinônimos e remissivas.”<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> OLIVEIRA, Regina Maria Soares de. **Classificação decimal universal**: origem, estrutura, situação atual. Brasília, DF: ABDF, INL, 1980.

## 6 MATERIAIS E MÉTODOS

### 6.1 Tipo de pesquisa

De acordo com Gil (2002, p. 17), pesquisa é o “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.<sup>30</sup>

A pesquisa desenvolvida neste estudo foi de natureza descritiva, com uma abordagem quali-quantitativa. Gil (2002, p. 42) caracteriza a pesquisa descritiva como: “[...] aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo [...]”

Segundo Goldenberg (1998, p. 62), a abordagem quali-quantitativa é uma interação da pesquisa quantitativa que são aquelas adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos padronizados, com a pesquisa qualitativa, que tem caráter exploratório, pois estimulam os entrevistados a pensar e falar livremente sobre algum tema, objeto ou conceito.<sup>31</sup>

Esta interação entre as pesquisas permite ao pesquisador fazer um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Neste enfoque, os dois métodos: qualitativo e quantitativo deixam de ser percebidos como opostos, e passam a serem vistos como complementares, podendo proporcionar uma melhor compreensão do problema estudado.

<sup>30</sup> GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

<sup>31</sup> GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

## 6.2 Caracterização do campo de estudo

A coleta de dados para a realização desta pesquisa foi feita na biblioteca Ângela Vaz Leão, que é a biblioteca central do Centro Universitário de Formiga e tem como público alvo alunos, professores e funcionários do UNIFOR-MG. Sua missão é promover o acesso, a disseminação e o uso da informação como apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão, contribuindo para a evolução e a produção do conhecimento. A biblioteca Ângela Vaz Leão é toda informatizada, é participante das redes do COMUT e BIREME, e possui um acervo diversificado para atender seus usuários. O horário de funcionamento da biblioteca é: de segunda a sexta-feira de 07:00 às 22:45 horas e aos sábados de 07:00 às 11:00 horas.

Também coletou-se dados na biblioteca da PUC Minas Arcos, que foi Inaugurada juntamente com o *Campus* em 09/07/1999. A biblioteca é um espaço aberto a alunos, professores, funcionários e também a toda cidade, onde a população pode pesquisar e consultar seu acervo. É uma biblioteca totalmente informatizada, possuindo um acervo composto por livros, periódicos, fitas de vídeo, hemeroteca, e outros. Todo esse material está disponível para consulta, ficando apenas o empréstimo restrito aos alunos, professores e funcionários da PUC Minas. Além do acervo descrito, oferece ainda consulta à Internet, com terminais exclusivos para usuários. A biblioteca da PUC Minas Arcos funciona de segunda a sexta-feira de 08:00 às 22:00 horas e aos sábados de 08:00 às 12:00 horas.

É importante relatar o sistema de classificação que cada biblioteca utiliza. A biblioteca Ângela Vaz Leão classifica seu acervo de acordo com a Classificação Decimal de *Dewey*, já a biblioteca da PUC Minas Arcos utiliza o sistema de Classificação Decimal Universal. Este quesito foi de suma importância para a análise comparativa que este estudo se propôs a realizar.

### 6.3 Amostra

Conforme Silva et al. (1997, p. 92) amostragem “[...] é um conjunto de técnicas utilizadas para a seleção da amostra” que vem a ser uma parcela do grupo examinado.<sup>32</sup>

Seguindo orientação da literatura especializada, esta amostra é definida de acordo com fórmulas determinadas para tal. Contudo, nesta presente pesquisa, não se pode determinar com exatidão a porcentagem de sujeitos a serem pesquisados, pois a coleta de dados foi realizada em data única pré-estabelecida. Os bibliotecários da biblioteca Ângela Vaz Leão e da Biblioteca da PUC Minas Arcos, e os usuários que estavam presentes na data prevista, que aceitaram participar da pesquisa, é que foram elementos que compuseram a amostra deste estudo. Porém na segunda instituição pesquisada, foi aplicado o mesmo número de questionários dos que foram obtidos na primeira, isso por se tratar de uma análise comparativa, procurando um equilíbrio e uma melhor demonstração dos resultados.

Foram enquadrados no critério de exclusão, todos os alunos que estiverem cursando o primeiro ou o segundo período de seus respectivos cursos, por não terem ainda conhecimento da estrutura funcional da biblioteca.

### 6.4 Considerações éticas

Esta pesquisa orientou-se pelas normas previstas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, a qual regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos.

Toda pesquisa que se realiza com envolvimento de seres humanos exige do pesquisador um posicionamento ético e respeitoso no trato das informações obtidas; para tal o pesquisador deve:

---

<sup>32</sup> SILVA, Ermes Medeiros da et al. **Estatística**: para os cursos de: economia, administração e ciências contábeis. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima (sic), de prestígio e/ou econômico-financeiro. (BRASIL, 1996).<sup>33</sup>

Este trabalho foi desenvolvido sobre os pilares da ética e do sigilo, visando resguardar a integridade de todos os participantes, ressaltando que todos os dados coletados foram utilizados apenas para fins científicos.

Todos os termos que se fizeram necessários, foram encaminhados para as instituições, e para os participantes da pesquisa, os quais foram assinados, dando as devidas autorizações para a realização desta pesquisa. Os modelos estão dispostos no trabalho da seguinte maneira:

- a) ANEXO A – Termo de aceite de orientação;
- b) ANEXO B – Carta de apresentação de aluno;
- c) ANEXO C – Declaração de aceite da empresa;
- d) ANEXO D – Carta de ciência e autorização;
- e) ANEXO E – Termo de consentimento livre e esclarecido;
- f) ANEXO F – Declaração de obrigatoriedade de sigilo;
- g) ANEXO G – Parecer consubstanciado de aprovação COEPEH/  
UNIFOR-MG

## 6.5 Instrumentos e procedimentos

A coleta de dados teve como instrumento de pesquisa, o questionário, que segundo Gil (1999, p. 128) é:

[...] a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS. Sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 out. 1996.

<sup>34</sup> GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Este estudo contou com o auxílio de dois tipos de questionários para a coleta de dados, um que foi destinado aos profissionais bibliotecários das instituições e o outro, aos usuários que fizeram parte da amostragem desta pesquisa.

Os questionários foram compostos de perguntas fechadas, onde estavam dispostas alternativas pré-estabelecidas para serem assinaladas, e de perguntas abertas onde o respondente pode expressar suas opiniões a respeito daquilo que estava sendo perguntado. Todas as perguntas foram analisadas e aprovadas pela professora orientadora Syrlei Maria Ferreira.

Foi realizado um pré-teste com uma pequena parte da amostra, que averiguou a pertinência das questões apresentadas nos questionários.

## **6.6 Tratamento dos dados**

O tratamento dos dados teve início com a análise das respostas coletadas por meio dos questionários aplicados na biblioteca Ângela Vaz Leão e na biblioteca da PUC Minas Arcos.

Foi feita uma seleção para averiguar informações falsas, confusas ou distorcidas, e foi verificado se todos os dados requisitados pelos questionários foram respondidos.

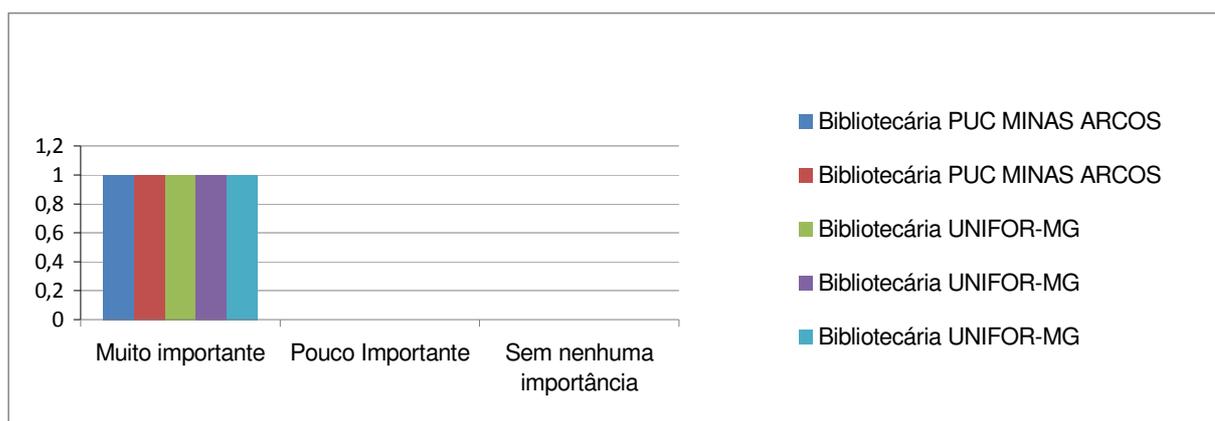
Após esta seleção, os dados foram codificados, e agrupados conforme categorias semelhantes, e receberam um código numérico, onde foram tratados estatisticamente e apresentados em formato gráfico, para a melhor visualização dos resultados obtidos.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 7.1 Bibliotecárias – questões objetivas

Os questionários foram aplicados a cinco bibliotecárias, sendo três do UNIFOR-MG que utilizam o sistema CDD, e duas da PUC Minas Arcos que são usuárias do sistema CDU. Suas respostas foram analisadas, tratadas e estão representadas nos gráficos a seguir:

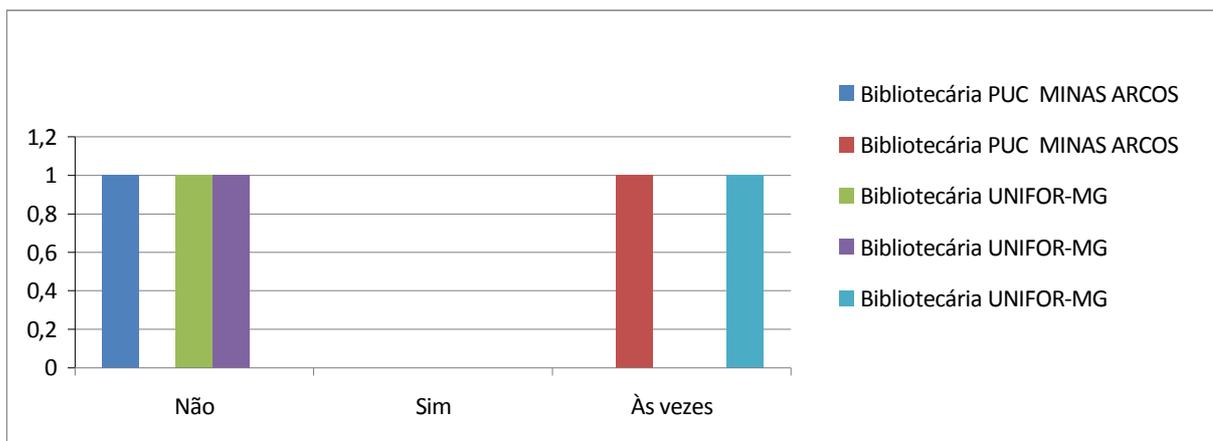
**GRÁFICO 1 – Importância da classificação**



Foi abordado nesta questão como as bibliotecárias consideram a importância de um sistema de classificação, e os respondentes foram unânimes em afirmarem que consideram **muito importante**, pois têm o conhecimento que é por intermédio da classificação que se tem a organização dos acervos, e que é uma ferramenta fundamental para a recuperação da informação.

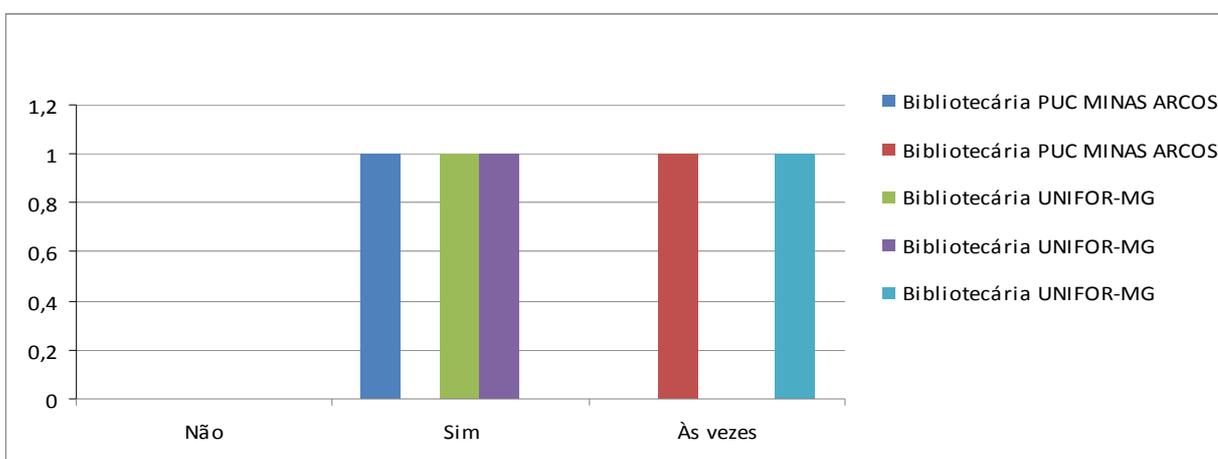
Entende-se que se a unidade de informação universitária não adotar um sistema de classificação em seu acervo, torna-se remota a recuperação da informação. A classificação é um elo entre as informações armazenadas no acervo e as necessidades dos usuários, pois leva o usuário até a informação desejada.

GRÁFICO 2 – Manuseio das tabelas



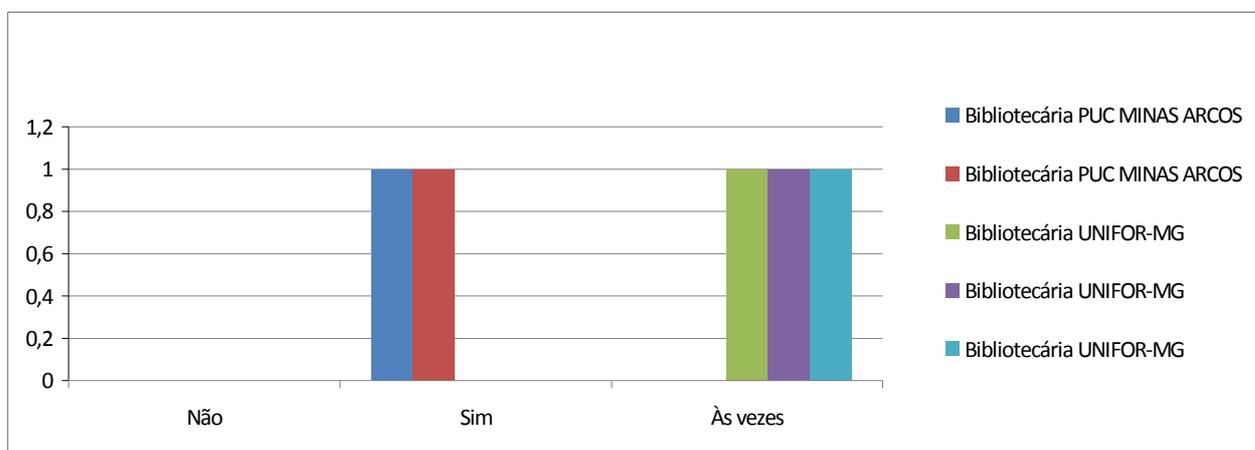
O objetivo da questão constituiu em verificar se há alguma dificuldade em manusear as tabelas de classificação. Das cinco bibliotecárias, duas do UNIFOR-MG e uma da PUC Minas Arcos, afirmaram que **não** encontram dificuldade quando utilizam as tabelas, e duas, uma de cada instituição dizem que **às vezes** se deparam com alguma dificuldade. Sabe-se que é indispensável que o bibliotecário classificador, independente do sistema utilizado, tenha habilidade no uso das tabelas, pois possuindo esta habilidade que é construída com a prática e o estudo constante, ele conseguirá classificar melhor um documento que possivelmente irá atender de maneira eficaz às demandas dos usuários.

GRÁFICO 3 – Uso das tabelas auxiliares



O assunto discutido nesta questão foi se teriam facilidade em usar as tabelas auxiliares para fazer as combinações necessárias. Duas bibliotecárias do UNIFOR-MG e uma da PUC Minas afirmam ter domínio no uso das tabelas auxiliares e duas, uma de cada instituição dizem que **às vezes** tem facilidade em usar estas tabelas. O uso das tabelas auxiliares é fundamental, pois permitem formular um número mais específico, no sentido de adicionar aspectos relevantes aos assuntos das classes principais.

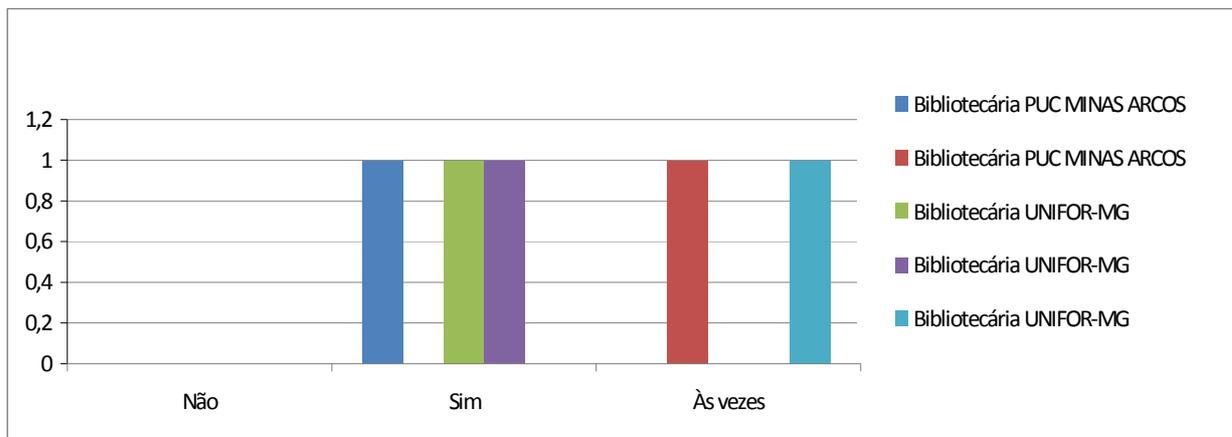
**GRÁFICO 4 – Análise do assunto**



Foi discutido nesta questão se teriam facilidade para extrair do documento o assunto a ser classificado. As três bibliotecárias do UNIFOR-MG afirmam que **às vezes** surge dificuldade em extrair o assunto de um documento, e as duas da PUC Minas Arcos dizem ter facilidade em extrair o assunto de um documento.

É recomendável que os bibliotecários busquem sempre se inteirar de informações gerais das áreas de atuação do público com que trabalham, seus conhecimentos devem ser multidisciplinares, pois trabalham com informações de diferentes áreas. A partir de conhecimentos gerais e com o auxílio de instrumentos como dicionários, glossários, tesouros e outros, os bibliotecários terão mais facilidades para extrair e definir os assuntos dos documentos para que posteriormente sejam classificados.

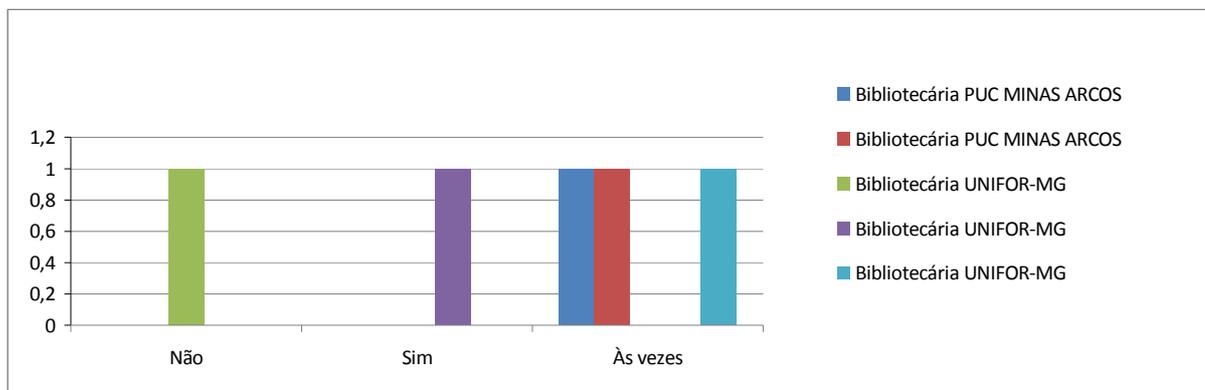
**GRÁFICO 5 – Escolha da classe adequada**



Nesta questão foi perguntado se quando um assunto não está explícito e o bibliotecário não consegue determiná-lo, se ele solicita ajuda dos professores da área para que, juntos, definam uma classe mais adequada. Três bibliotecárias, sendo duas do UNIFOR-MG e uma da PUC Minas Arcos afirmam que solicitam ajuda dos professores sempre que tem dúvidas; as outras duas, uma de cada instituição dizem que **às vezes** fazem esta solicitação.

É importante que os bibliotecários trabalhem em conjunto com os professores, pois quando estes assuntos não estão explícitos, o bibliotecário pode entender e classificar numa classe que não seja a demandada pelos usuários, isso pode ocorrer porque as tabelas de classificação sempre sugerem outras classes para um mesmo assunto. Portanto, este contato com os professores é imprescindível na hora da dúvida, pois eles lidam diretamente com os alunos, e por isso sabem como eles farão as buscas pela informação, além de terem domínio na área em que atuam.

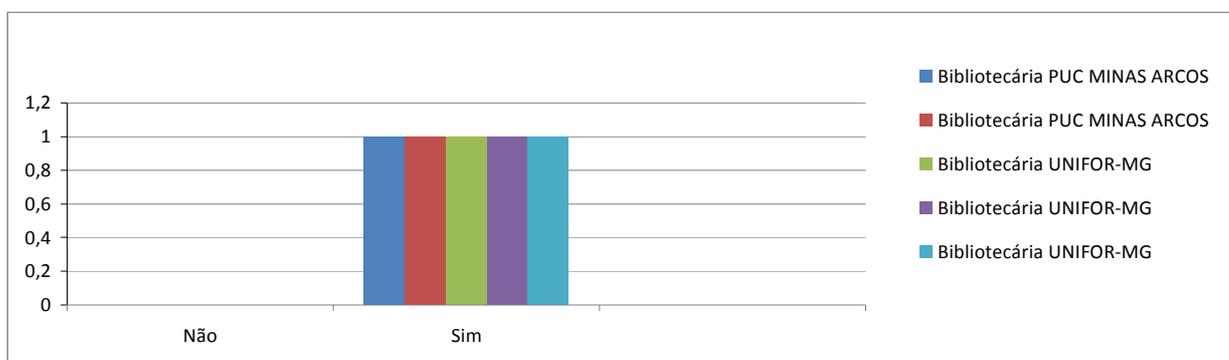
**GRÁFICO 6 – Classificação de documentos com vários assuntos**



A abordagem feita nesta pergunta foi se conseguem classificar com facilidade os documentos que tratam de diversos assuntos. As duas bibliotecárias da PUC Minas Arcos e uma do UNIFOR-MG afirmam que **às vezes** tem facilidade, das outras duas do UNIFOR-MG, uma diz que tem facilidade e a outra afirma ter dificuldade para classificar este tipo de documento.

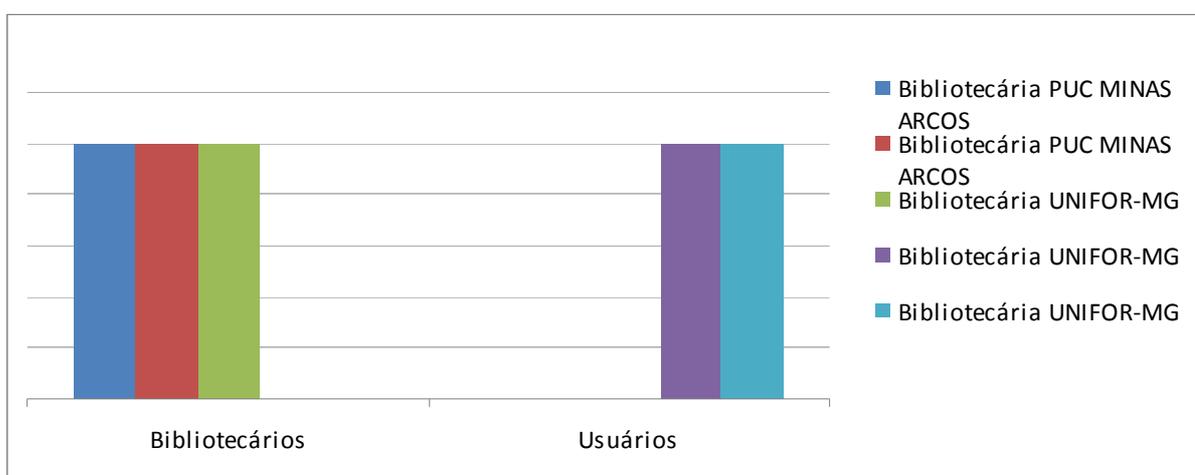
Neste caso, quando aparecer documentos que tratam de vários assuntos, Prado (1992), recomenda que seja dada uma classificação que mais interesse à biblioteca, e obras que tratam de diversos assuntos de uma mesma matéria deve-se classificar num número geral do assunto.

**GRÁFICO 7 – Sistema de classificação utilizado na instituição**



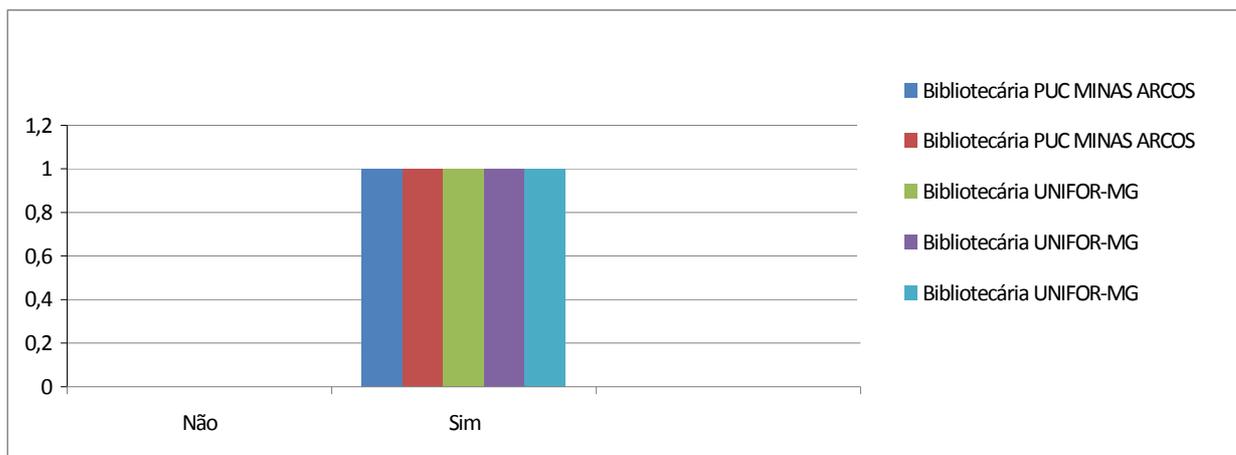
Aqui foi discutido com as bibliotecárias se elas gostam e tem afinidade com o sistema de classificação adotado pela biblioteca; como percebemos todas se identificam com o sistema com o qual trabalham; o que nos leva a entender que ambos atendem às necessidades das duas instituições.

**GRÁFICO 8 – Atendimento às necessidades**



Nesta questão foi levantada a opinião das bibliotecárias se a classificação atende mais às necessidades dos bibliotecários ou dos usuários. Vimos que três bibliotecárias, duas da PUC Minas Arcos e uma do UNIFOR-MG afirmam que classificação atende mais aos **bibliotecários**, por considerarem que é muito técnica e servir principalmente para a organização dos acervos, cuja função é do bibliotecário. Duas bibliotecárias do UNIFOR-MG dizem atender mais aos **usuários**, pois é através dela que eles conseguem localizar um documento na biblioteca.

GRÁFICO 9 – Especificação dos assuntos



A pergunta desta questão objetivou verificar se com o sistema de classificação adotado na biblioteca, as bibliotecárias conseguem especificar bem os assuntos contidos nos documentos. Todas afirmam que os sistemas que utilizam dão oportunidade de especificar bem os assuntos. Porém, Prado (1992, p. 35) afirma que: “*Dewey* é um sistema de classificação geral, visando a classificação de obras, enquanto o Decimal Universal é de classificação minuciosa, reproduzindo idéias o que permite mais detalhes.”

Ainda de acordo com Prado (1992), a CDU permite uma classificação mais minuciosa e detalhada, pois utiliza combinações de números e sinais determinados, além de permitir registrar o lugar, o tempo, a forma, a língua, o ponto de vista e outros. Por assumir estas características, considera-se que é um sistema mais descritivo que a CDD.

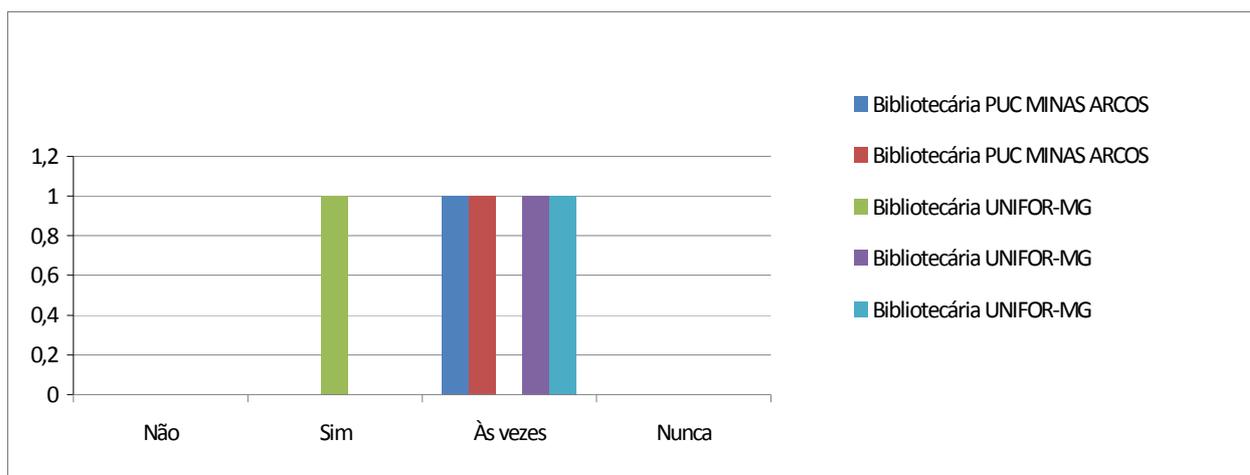
Gigante (1996, p. 4, grifo nosso) complementa dizendo que:

uma classificação bibliográfica como a CDD ou a CDU pode até conseguir acomodar, em um nível de quase excelência, as obras de um acervo. Mas a notação que produz, nos casos de alta **especificidade** (cuja ocorrência também é alta no momento histórico-científico em que vivemos), caracteriza uma interface muito pouco amigável para os usuários da biblioteca.<sup>35</sup>

<sup>35</sup> GIGANTE, Maristela Cid. Os sistemas de classificação bibliográfica como interface biblioteca/usuário. **Ciência da informação**. Brasília, DF, v. 25, n. 2, 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewFile/436/394>>. Acesso em: 18 out. 2009.

Nesse sentido, a autora esclarece que por meio do sistema de classificação bibliográfica, é possível a classificação de assuntos com o parâmetro da especificidade, mas que o resultado obtido, não é bem compreendido pelo usuário.

**GRÁFICO 10 – Localização dos livros pelos usuários**



Foi discutido com as bibliotecárias nesta questão, se os usuários de suas bibliotecas conseguem encontrar o livro na estante sem o auxílio dos profissionais que ali trabalham. Todas opinaram dizendo **às vezes**, com a exceção de uma do UNIFOR-MG, que opinou dizendo **sim**, que eles conseguem localizar os documentos sem o auxílio de profissionais.

Percebe-se que os usuários ainda tem muita dificuldade em entender os arranjos numéricos propostos pela classificação. É muito comum vê-los buscando um livro pelas suas característica físicas como tamanho, cor, espessura, dentre outros. Os bibliotecários devem instruir mais os usuários em relação ao sistema de classificação adotado na biblioteca, pois eles tendo um conhecimento geral de como localizar os documentos através da classificação, conseqüentemente se tornarão independentes em suas buscas.

## 7.2 Bibliotecárias – questões discursivas

Foram apresentadas duas questões discursivas para as bibliotecárias das duas instituições, porém somente as bibliotecárias do UNIFOR-MG, colaboraram respondendo a estas questões. Portanto serão comentadas aqui as opiniões das bibliotecárias do UNIFOR-MG que são usuárias do sistema CDD.

A primeira pergunta deste gênero foi se como bibliotecárias, tivessem a oportunidade de fazer algumas alterações no sistema de classificação adotado pela biblioteca em que trabalham, para melhor atendê-las e aos usuários, quais seriam estas alterações, e obteve-se as seguintes respostas:

- a) “acrescentaria mais algumas subdivisões para detalhar melhor determinados assuntos”;
- b) “que fosse uma classificação mais simples, com números menores para facilitar para os usuários”;
- c) “que ela fosse traduzida e acrescentaria alguns assuntos que ainda não são contemplados.”

Na segunda questão, foi indagado que, com base na experiência e conhecimentos que possuíam, qual sistema de classificação: CDD e CDU atende melhor às necessidades de uma biblioteca universitária. Constatou-se que todas foram favoráveis ao sistema que utilizam, que é a CDD, e deram as seguintes justificativas:

- a) “é um sistema mais simples e prático de usar, não utilizando símbolos para relacionar assuntos, como faz a CDU. Considero que a recuperação da informação fica mais fácil para o usuário, quando a biblioteca utiliza CDD”;
- b) “a CDD é mais objetiva, e oferece uma notação menor e direta”;

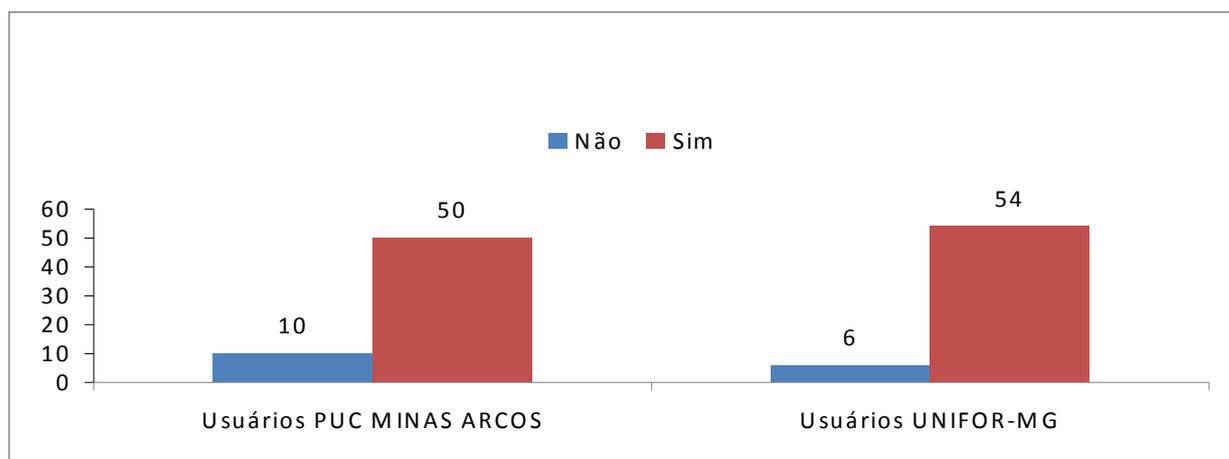
- c) “sugiro a CDD, pois a utilizamos a muito tempo e ela atende muito bem nossas necessidades, enquanto biblioteca universitária.”

Com base nas informações fornecidas pelas bibliotecárias do UNIFOR-MG, percebe-se que, embora elas tenham algumas sugestões de alterações para a melhoria do sistema, elas consideram que a CDD é um sistema eficaz e que corresponde perfeitamente às necessidades da biblioteca universitária Ângela Vaz Leão.

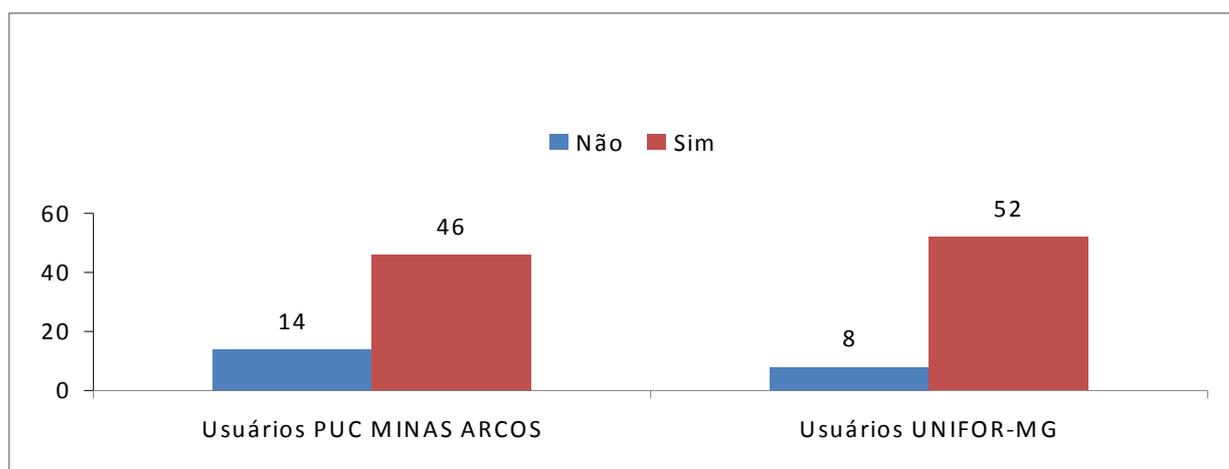
### **7.3 Usuários**

Esta pesquisa foi realizada com usuários das bibliotecas do UNIFOR-MG e da PUC Minas Arcos. As perguntas que constituíam os questionários estão num nível bem elementar dentro da área de classificação, devido ao fato de ser um assunto muito restrito da Biblioteconomia.

Foi aplicado um total de cento e vinte questionários, sendo sessenta em cada instituição. Estes cento e vinte usuários colaboraram respondendo aos questionários, e suas respostas estão representadas nos gráficos a seguir.

**GRÁFICO 1 - Sistema de classificação**

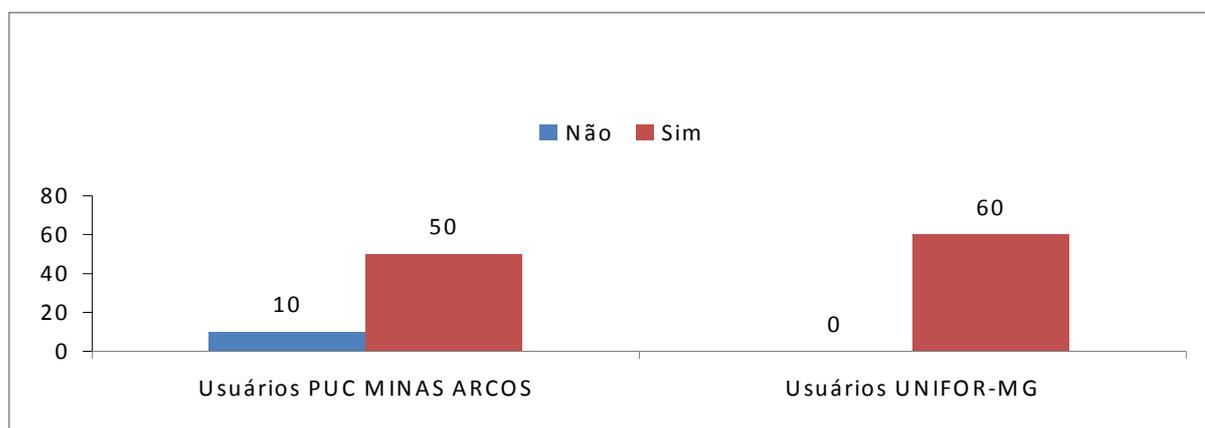
Nesta questão foi perguntado aos usuários se eles conheciam o sistema de classificação utilizado na biblioteca. Como percebemos, ao analisarmos o gráfico, a maioria dos usuários das duas instituições afirmam conhecer o sistema. É imprescindível que os usuários tenham pelo menos um conhecimento geral sobre o sistema de classificação da biblioteca da instituição onde estudam, pois é ele que será o seu guia até a informação.

**GRÁFICO 2 – Área do conhecimento**

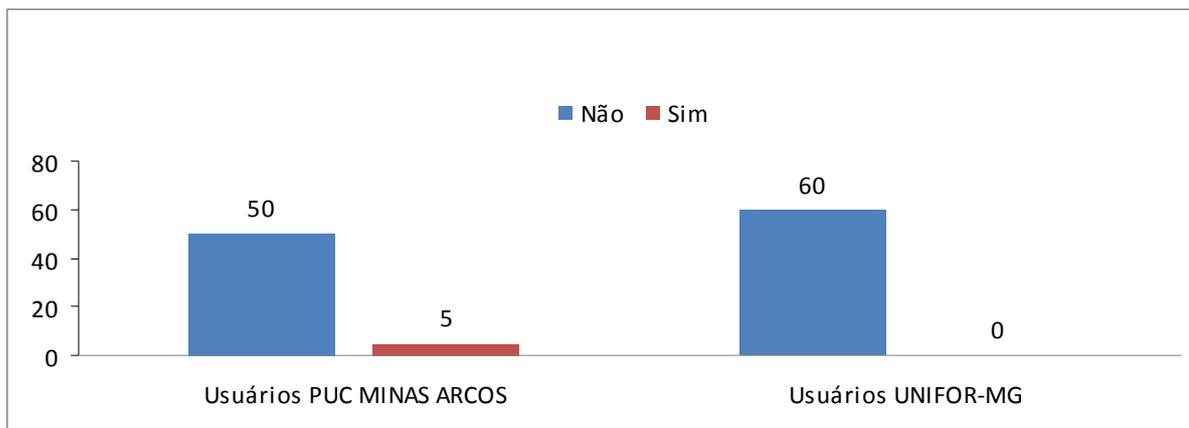
Nesta pergunta, os alunos foram questionados se sabiam que os livros são classificados segundo a área do conhecimento. Percebe-se que a maioria dos

entrevistados dizem saber que a classificação baseia-se nas áreas do conhecimento. É importante que eles tenham este conhecimento, pois já possibilita uma concepção sobre classificação. A técnica de classificar de acordo com as áreas do conhecimento vem desde os filósofos, e é a base de muitos sistemas de classificação. Os dois principais sistemas deste estudo: CDD e CDU, também foram construídos sob os princípios da divisão científica do conhecimento, que garante através de suas classes e subclasses, uma classificação a todos os documentos.

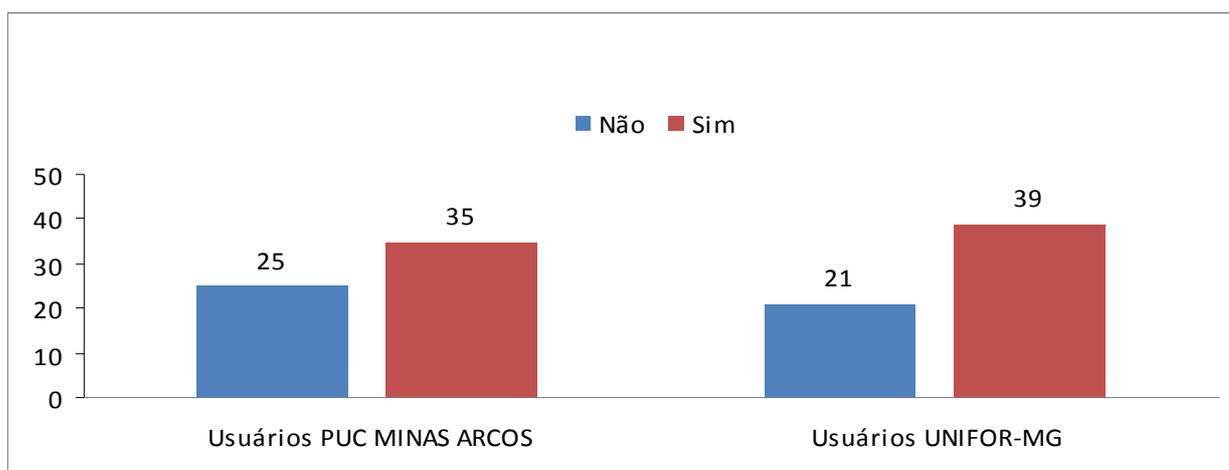
**GRÁFICO 3 – Organização por assunto**



A pergunta feita aos usuários nesta questão foi se eles consideram importante que os livros sejam organizados e separados conforme o seu assunto. Conforme a maioria a resposta foi afirmativa, o que comprova que os usuários, mesmo sem saber a fundo a técnica da classificação, reconhecem a importância dos livros estarem agrupados conforme seu assunto. Este agrupamento possibilita aos usuários ter acesso a todos os documentos que tratam de determinado assunto num mesmo local, tendo a oportunidade de selecionar aquele que irá melhor atender sua necessidade informacional.

**GRÁFICO 4 – Outro sistema de classificação**

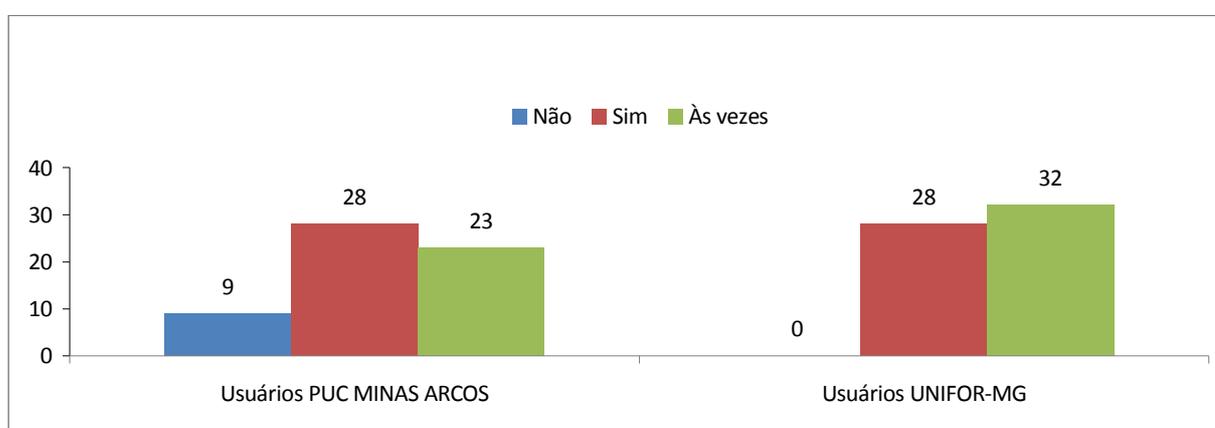
Nesta questão foi abordado se os usuários conheciam outro sistema de classificação utilizado em outra biblioteca. Todos alegaram não conhecer outro sistema a não ser o da biblioteca da instituição onde estudam, com a exceção de cinco usuários da PUC Minas Arcos que afirmaram conhecer, mas não citaram qual, conforme era solicitado na pergunta. É compreensível que eles não conheçam outro sistema, devido ao fato de não utilizarem com frequência os serviços de outras bibliotecas que são usuárias de outros sistemas de classificação.

**GRÁFICO 5 - Dinâmica da classificação**

Foi questionado nesta pergunta se os usuários entendiam a dinâmica dos números de classificação. Percebemos que a maioria dos usuários das duas

instituições afirmam entender, o que é bom para a biblioteca e para os próprios usuários, pois se tornam independentes na busca de informações. Porém, há um número relevante de usuários que alegam não entender a dinâmica dos números de classificação, para isso a biblioteca deve oferecer mais treinamento e suporte a estes usuários.

**GRÁFICO 6 – Consulta no terminal**



Nesta questão foi perguntado aos usuários se quando eles vão ao terminal de consulta para procurar um livro e o sistema lhes oferece um número de classificação, se conseguem localizar este livro na estante. As respostas variaram na maioria entre **sim** e **às vezes**, e apenas nove usuários da PUC Minas Arcos alegaram que não conseguem localizar o livro nas estantes.

Por diversos motivos, ainda há muitas dúvidas entre os usuários de como localizar um documento nas estantes a partir da notação que o sistema lhes oferece. Para sanar esta carência que é muito comum nas bibliotecas, Gigante (1996, p. 3) afirma que:

se o sistema de classificação é bom e resolve todos os problemas de classificação, então vale a pena para essa biblioteca investir em cursos de orientação ao usuário e também manter um serviço de referência competente, com profissionais ágeis para resolver um ou outro problema que o usuário não conseguiu sozinho resolver.

Uma boa oportunidade para a biblioteca começar a capacitar os usuários, é através das visitas orientadas, que são realizadas no início de um curso. Com estas

visitas os ingressantes têm a oportunidade de conhecer o ambiente físico da biblioteca, tipo de acervo, sua distribuição, classificação, consulta, produtos, serviços e outros. A partir destas informações inerentes à organização e funcionamento da biblioteca, os alunos passam a ter mais segurança e independência ao utilizá-la.

## 8 CONCLUSÃO

Como se sabe, as bibliotecas universitárias, são por excelência, as responsáveis pela guarda e disseminação das informações nas universidades. Portanto, para que estas informações atinjam sua função precípua, que é atender às necessidades informacionais dos usuários, é indispensável que elas sejam tratadas e processadas tecnicamente.

Com a realização deste trabalho, foi possível embrenhar no campo da classificação, que é uma das principais ferramentas para organização e localização de obras em um acervo. Os métodos de classificação possibilitam que cada obra/documento adquira um lugar exato na biblioteca, e isto reflete diretamente na recuperação da informação e sua disseminação.

O principal objetivo que norteou esta pesquisa foi proceder uma análise comparativa entre os principais sistemas de classificação utilizados em bibliotecas universitárias: CDD e CDU, a fim de verificar qual deles era mais adequado para este tipo de unidade informacional.

Nas bibliotecas universitárias, devido ao seu público eclético, e ao mesmo tempo especializado, onde os acervos, na sua maioria, se compõem de obras com conteúdos específicos, torna-se imprescindível a adoção de um sistema de classificação, que corresponda às necessidades de especificação conforme a demanda técnica e científica das áreas do conhecimento.

Ciente destas necessidades e de acordo com as pesquisas realizadas, junto a bibliotecários e usuários de duas bibliotecas universitárias (PUC-ARCOS e UNIFOR-MG) é possível definir, de acordo com a literatura, que a CDU é o sistema que atende melhor as necessidades destas bibliotecas. No entanto, de acordo com Gigante (1996), a CDU não apresenta uma interface muito amigável aos olhos dos usuários, devido ao uso de sinais e símbolos que dificultam o entendimento.

Portanto, ao analisar os dados obtidos nesta pesquisa, foi possível perceber que as respostas dos bibliotecários e usuários das duas instituições pesquisadas, em muitos momentos se assemelham, o que nos permite entender que os dois principais sistemas de classificação investigados atendem às demandas das bibliotecas universitárias.

Como foi dito, este estudo foi realizado com o intuito de averiguar qual sistema de classificação: CDD ou CDU era mais apropriado para classificar o acervo de uma biblioteca universitária, mas ao que tudo indica, essas discussões são ainda incipientes, o que caracteriza uma enorme carência de trabalhos nessa área. Assim, uma maior exploração acadêmica e científica sobre a temática aqui tratada, se torna necessária. Fica, portanto, registrada a intenção e a necessidade de aprofundamento de estudos e a criação de grupos que ampliem e consolidem o debate na área, propiciando assim, maiores esclarecimentos e definições mais coesas, tecnicamente mais simples, para esta questão.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 nov. 1968. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102363>>. Acesso em: 25 out. 2009.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102480>>. Acesso em: 25 out. 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS. Sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 out. 1996.

BUARQUE, Cristovam. **A aventura da universidade**. São Paulo: Ed. da UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1994.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1972, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT/ABDF, 1979. v.1, p. 352-370.

DEMO, Pedro. **Pesquisa, ensino, extensão**: reflexões sobre questões de consciência social universitária. Brasília, DF: MEC, 1981. Disponível em: <[http://www.silviamota.com.br/.../texto\\_pedro\\_demo\\_as\\_funcoes\\_da\\_universidade.doc](http://www.silviamota.com.br/.../texto_pedro_demo_as_funcoes_da_universidade.doc)>. Acesso em: 05 out. 2009.

FERREIRA, Lusimar Silva. **Bibliotecas universitárias brasileiras**: análise de estruturas centralizadas e descentralizadas. São Paulo: Pioneira, 1980.

FOSKETT, Antony Charles. **A abordagem temática da informação**. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono; Brasília, DF: Ed. da UnB, 1973.

GIGANTE, Maristela Cid. Os sistemas de classificação bibliográfica como interface biblioteca/usuário. **Ciência da informação**. Brasília, DF, v. 25, n. 2, 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewFile/436/394>>. Acesso em: 18 out. 2009.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

KLAES, Rejane Raffo; PFITSCHER, Eloisa Futuro. Ainda e sempre a questão da integração biblioteca e universidade. In: SEMINÁRIO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8., 1994, Campinas. **Anais...** Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

LANGRIDGE, Derek. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de; MACEDO, Vera Amália Amarante. A posição da biblioteca na organização operacional da universidade. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 2, n. 2, p. 167-174, jul./dez. 1974.

LENTINO, Noêmia. **Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971.

LÜCK, Esther Hermes et al. A biblioteca universitária e as diretrizes curriculares do ensino de graduação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS - SNBU, 11., 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Ed. da UFSC-BU, 2000.

MARTINS, Lígia Márcia. **Ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, [200-?]. Disponível em: <[http://www.fmvz.unesp.br/Eixos/Eixo\\_2/ensino-pesquisa-extensao.pdf](http://www.fmvz.unesp.br/Eixos/Eixo_2/ensino-pesquisa-extensao.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2009.

NASCIMENTO, Maria Alice Rebello. Compartilhamento e integração: a articulação da biblioteca universitária com a sociedade através da estratégia de extensão. In: SEMINÁRIO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8., 1994, Campinas. **Anais...** Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

NUNES, Leiva; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Da filosofia da classificação à classificação bibliográfica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 30-48, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=184>>. Acesso em: 15 set. 2009.

OLIVEIRA, Regina Maria Soares de. **Classificação decimal universal**: origem, estrutura, situação atual. Brasília, DF: ABDF, INL, 1980.

PIEIDADE, Maria Antonietta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

PRADO, Heloísa de Almeida. **Organização e administração de bibliotecas**. 2. ed. rev. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

SILVA, Ermes Medeiros da et al. **Estatística**: para os cursos de economia, administração e ciências contábeis. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

SILVA, Oberdan Dias da. O que é extensão universitária. **Integração**: ensino-pesquisa-extensão, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 148-149, maio 1997.

SILVA, Odilon Pereira da. **Classificação decimal de Dewey**: manual teórico – prático para uso dos alunos da disciplina classificação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília. Brasília, DF: Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, [200-?]. Disponível em: <[http://www.crb6.org.br/sala\\_Apostilacdd.doc](http://www.crb6.org.br/sala_Apostilacdd.doc)>. Acesso em: 19 set. 2009.

SILVA, Odilon Pereira da; GANIN, Fátima. **Manual da CDU**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1994.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Escrevendo e normalizando trabalhos acadêmicos**: um guia metodológico. 2. ed. rev. e atual. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

SOUZA, José Soares de. **Classificação**: sistemas de classificação bibliográfica. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins, [19--?].

SOUZA, Sebastião de. **CDU**: guia para utilização da edição-padrão internacional em língua portuguesa. Brasília, DF: *Thesaurus*, 2001.

TÁLAMO, Maria de Fátima M.; LARA, Marilda Lopes G. de; KOBASHI, Nair Yumiko. Vamos perseguir a informação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 4, p. 52-57, set./dez. 1995.

VALENTE, Iolanda Sofia Rendeiro. **Comparação entre formatos de classificação**: CDD, CDU e LCC. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003. Disponível em: < [http://www.cerem.ufp.pt/~nribeiro/aulas/tid/TID\\_iolanda\\_valente.pdf](http://www.cerem.ufp.pt/~nribeiro/aulas/tid/TID_iolanda_valente.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2009.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

## BIBLIOGRAFIA

CLASSIFICAÇÃO Decimal Universal. Brasília, DF: IBICT, 1997.

DAMASIO, Edilson. O papel das bibliotecas universitárias e da informação para indústria e negócios conforme a “Lei de inovação” no contexto científico e tecnológico. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 13., 2004, [S. l.]. **Proceeding...** [S. l.: s.n.], 2004. Disponível em: < <http://eprints.rclis.org/4030/1/snbu20042.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2009.

DEWEY, Melvil. **Dewey decimal classification and relative index**. 20. ed. Albany: Forest, c1989.

FONSECA, Edson Nery da. Apogeu e declínio das classificações bibliográficas. **BITI**, Rio de Janeiro, [200-?]. Disponível em: <[www.conexaorio.com/bitI/nery/index.htm](http://www.conexaorio.com/bitI/nery/index.htm)>. Acesso em: 06 mar. 2009.

GOMES, Hagar Espanha; MOTTA, Dilza Fonseca da; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. Revisitando Ranganathan: a classificação na rede. **BITI**, Rio de Janeiro, [200-?]. Disponível em: <[www.conexaorio.com/bitI/revisitando/revisitando.htm](http://www.conexaorio.com/bitI/revisitando/revisitando.htm)>. Acesso em: 06 mar. 2009.

HARDESTY, Larry. **Faculty and the library**: the undergraduate experience. Norwood: Arlex, 1991.

JESSE, H. Shera. Padrão, estrutura e conceituação na classificação. **BITI**, Rio de Janeiro, [200-?]. Disponível em: <[www.conexaorio.com/bitI/shera/index.htm](http://www.conexaorio.com/bitI/shera/index.htm)>. Acesso em: 06 mar. 2009.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Dos sistemas de classificação bibliográfica às search engines (I). **Ensaio APB**, São Paulo, n. 90, p. 1-14, maio 2001.

SCHREINER, Heloisa Benetti. Considerações históricas acerca do valor das classificações bibliográficas. **BITI**, Rio de Janeiro, [200-?]. Disponível em: <[www.conexaorio.com/bitI/schreiner/index.htm](http://www.conexaorio.com/bitI/schreiner/index.htm)>. Acesso em: 06 mar. 2009.

SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 7., 1994, Campinas. **Anais...** Campinas: Biblioteca Central/ UNICAMP, 1994.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**APÊNDICE A – Modelo de questionário utilizado para coleta de dados com bibliotecários da Biblioteca Ângela Vaz Leão e Biblioteca da PUC Minas Arcos – 2009****Pesquisa:** CDD X CDU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**Aluno:** Renan Pinheiro de Oliveira**Orientadora:** Syrlei Maria Ferreira

1 Nome da Instituição: \_\_\_\_\_

2 A partir de seus conhecimentos em processamento técnico, como você avalia a importância da classificação em uma biblioteca?

- a) ( ) Muito importante
- b) ( ) Pouco importante
- c) ( ) Sem nenhuma importância

3 Você tem dificuldade em manusear as tabelas de classificação?

- a) ( ) Não
- b) ( ) Sim
- c) ( ) Às vezes

4 Você tem facilidades em usar as tabelas auxiliares para fazer as combinações necessárias?

- a) ( ) Não
- b) ( ) Sim
- c) ( ) Às vezes

5 Você tem facilidade em extrair o assunto do documento a ser classificado?

- a) ( ) Não
- b) ( ) Sim
- c) ( ) Às vezes

6 Quando o assunto de um livro não está explícito e você não consegue determiná-lo, você solicita ajuda aos professores da área para que juntos escolham uma classe mais adequada?

- a) ( ) Não
- b) ( ) Sim
- c) ( ) Às vezes

7 Os livros que tratam de vários assuntos, você consegue classificar com facilidade?

- a)  Não
- b)  Sim
- c)  Às vezes

8 Você tem afinidade e gosta do sistema de classificação adotado pela biblioteca em que trabalha?

- a)  Não
- b)  Sim

9 Na sua opinião, a classificação atende mais às necessidades dos:

- a)  BIBLIOTECÁRIOS, pois conhecem sua estrutura e funcionalidade para a organização do acervo.
- b)  USUÁRIOS, pois está direcionada à busca e recuperação da informação, por eles efetuada.

10 O sistema de classificação adotado em sua biblioteca permite que você especifique bem os assuntos contidos nos livros para melhor atender seus usuários?

- a)  Não
- b)  Sim

11 Se você como bibliotecário tivesse a oportunidade de fazer alterações no sistema de classificação adotado na biblioteca em que trabalha, para melhor atendê-lo e aos usuários, quais seriam estas alterações?

---

---

---

---

---

12 Os usuários de sua biblioteca conseguem encontrar o livro nas estantes sem a ajuda dos profissionais que trabalham na biblioteca?

- a)  Não
- b)  Sim
- c)  Às vezes
- d)  Nunca

13 De acordo com seus conhecimentos e experiência, qual dos sistemas de classificação: CDD e CDU atendem melhor uma biblioteca universitária? Justifique.

---

---

---

---

---

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**APÊNDICE B – Modelo do questionário utilizado para coleta de dados com usuários da Biblioteca Ângela Vaz Leão e Biblioteca da PUC Minas Arcos – 2009****Pesquisa:** CDD X CDU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**Aluno:** Renan Pinheiro de Oliveira**Orientadora:** Syrlei Maria Ferreira

1 Nome da Instituição: \_\_\_\_\_

2 Os livros de uma biblioteca são organizados através da classificação, cuja função é agrupar os livros conforme o grau de semelhança dos assuntos. Você conhece o sistema de classificação da biblioteca desta instituição, na qual estuda?

- a) ( ) Não
- b) ( ) Sim

3 Você sabe que os livros são classificados segundo a área do conhecimento?

- a) ( ) Não
- b) ( ) Sim

4 Você considera importante que os livros sejam organizados e separados conforme o seu assunto?

- a) ( ) Não
- b) ( ) Sim

5 Você conhece outro sistema de classificação usado em outra biblioteca?

- a) ( ) Não
- b) ( ) Sim Qual? \_\_\_\_\_

6 Você consegue entender a dinâmica dos números de classificação utilizados na biblioteca?

- a) ( ) Não
- b) ( ) Sim

7 Quando você vai ao terminal de consulta para procurar um livro e o sistema lhe oferece o número de classificação, você consegue localizar o livro na estante?

- a) ( ) Não
- b) ( ) Sim
- c) ( ) Às vezes

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

**ANEXO A – Termo de aceite de orientação****Trabalho de Conclusão de Curso  
UNIFOR-MG****Definição de Professor-Orientador e Tema****Aluno:** Renan Pinheiro de Oliveira.**Matrícula:** 200796**Curso:** Biblioteconomia**Disciplina:** Orientação de TCC**Endereço Residencial:**

Rua: Av. José Cassiano de Almeida, 222

Bairro: Santo Antônio

CEP: 35570-000

Cidade: Formiga

UF: MG

Telefone(s): (37) 3261-3621 / (37) 9111-8969

E-mail(s): rpinheirooliveira@yahoo.com.br

**Tema do Trabalho:**

Análise Comparativa dos sistemas de classificação: Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU), implantados em bibliotecas universitárias.

**Termo de aceite de orientação**

Eu, Professora Syrlei Maria Ferreira assumo o compromisso de orientar o referido aluno no seu projeto de conclusão de curso (TCC), para tanto, comprometo-me a:

- 1) Dedicar-me, com zelo e profissionalismo, às atividades de orientação exigidas pela instituição;
- 2) Orientar o aluno acompanhando-o em todas as etapas do trabalho proposto, incentivando-o ao estudo e a produção do conhecimento científico.

Syrlei Maria Ferreira  
Professora OrientadoraSônia Lúcia Silva  
Coordenadora do CursoRenan Pinheiro de Oliveira  
Aluno

Formiga, 16/3/2009

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**ANEXO B – Carta de apresentação de aluno**

Formiga, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

Centro Universitário de Formiga – UNIFOR-MG

Biblioteca Ângela Vaz Leão

Syrlei Maria Ferreira, professora e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Biblioteconomia do Centro Universitário de Formiga UNIFOR-MG, vem apresentar o aluno Renan Pinheiro de Oliveira do 7º período de Biblioteconomia, para que desenvolva seu trabalho de Conclusão de Curso, nesta instituição.

Na oportunidade agradece a atenção dispensada e assegura que as informações obtidas ou geradas no desenvolvimento do trabalho serão utilizadas apenas com o cunho científico, mantendo e resguardando a integridade da instituição.

Atenciosamente,

Syrlei Maria Ferreira  
Professora Orientadora

Sonia Lúcia Silva  
Coordenadora do Curso

Renan Pinheiro de Oliveira  
Aluno

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**ANEXO B – Carta de apresentação de aluno**

Formiga, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas em Arcos

Syrlei Maria Ferreira, professora e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Biblioteconomia do Centro Universitário de Formiga UNIFOR-MG, vem apresentar o aluno Renan Pinheiro de Oliveira do 7º período de Biblioteconomia, para que desenvolva seu trabalho de Conclusão de Curso, nesta instituição.

Na oportunidade agradece a atenção dispensada e assegura que as informações obtidas ou geradas no desenvolvimento do trabalho serão utilizadas apenas com o cunho científico, mantendo e resguardando a integridade da instituição.

Atenciosamente,

Syrlei Maria Ferreira  
Professora Orientadora

Sonia Lúcia Silva  
Coordenadora do Curso

Renan Pinheiro de Oliveira  
Aluno

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**ANEXO C – Declaração de aceite da empresa**

A biblioteca Ângela Vaz Leão do Centro Universitário de Formiga – UNIFOR-MG declara junto à coordenação do Curso de Biblioteconomia do Centro Universitário de Formiga UNIFOR-MG, aceitar que o aluno Renan Pinheiro de Oliveira, do 7º período do curso de Biblioteconomia desenvolva o Trabalho Prático neste estabelecimento, aceitando que as informações obtidas e/ou geradas sejam utilizadas com o cunho científico, desde que mantenham a integridade da empresa.

Por ser verdade, firma a presente.

Formiga - MG \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

Virgínia Alves Vaz  
Biblioteca Ângela Vaz Leão.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**ANEXO C - Declaração de aceite da empresa**

A instituição de ensino denominada Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais PUC Minas em Arcos, sediada em Arcos, declara, junto à coordenação do Curso de Biblioteconomia do Centro Universitário de Formiga UNIFOR-MG, aceitar que o aluno Renan Pinheiro de Oliveira, do 7º período do curso de Biblioteconomia desenvolva o Trabalho Prático neste estabelecimento, aceitando que as informações obtidas e/ou geradas sejam utilizadas com o cunho científico, desde que mantenham a integridade da empresa.

Por ser verdade, firma a presente.

Formiga, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

Prof. Jorge Sundermann  
Diretor de Graduação

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**ANEXO D - Carta de ciência e autorização**

Eu, Virgínia Alves Vaz, coordenadora da biblioteca Ângela Vaz Leão do Centro Universitário de Formiga – UNIFOR-MG, permito que Renan Pinheiro de Oliveira, acadêmico do 7º período do curso de Biblioteconomia do UNIFOR-MG aplique um questionário nesta instituição, que se faz necessário para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “CDD X CDU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS”. Dou permissão para que sejam obtidas fotografias, filmagens ou gravações para fins de pesquisa científica.

Ressalta-se o fato de que os nomes dos voluntários permanecerão em sigilo. Autorizo, portanto, o contato com o(s) voluntário(s) da pesquisa.

Virgínia Alves Vaz  
Coordenadora Geral da Biblioteca

Renan Pinheiro de Oliveira  
Aluno

Formiga, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**ANEXO D - Carta de ciência e autorização**

Eu, Prof. Jorge Sundermann, Diretor de Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas em Arcos permito que Renan Pinheiro de Oliveira, acadêmico do 7º período do curso de Biblioteconomia do UNIFOR-MG aplique um questionário nesta instituição, que se faz necessário para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “CDD X CDU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS”. Dou permissão para que sejam obtidas fotografias, filmagens ou gravações para fins de pesquisa científica.

Ressalta-se o fato de que os nomes dos voluntários permanecerão em sigilo. Autorizo, portanto, o contato com o(s) voluntário(s) da pesquisa.

Prof. Jorge Sundermann  
Diretor de Graduação

Renan Pinheiro de Oliveira  
Aluno

Formiga, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**ANEXO E – Termo de consentimento livre e esclarecido****CDD X CDU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**

Eu, \_\_\_\_\_, pertencente à Instituição de Ensino \_\_\_\_\_, declaro para fins de autorização de coleta de dados, que fui devidamente esclarecido (a), sobre esse projeto desenvolvido pelo aluno Renan Pinheiro de Oliveira sob orientação da Professora Syrlei Maria Ferreira lotado no Curso de Biblioteconomia do Centro Universitário de Formiga – UNIFOR-MG.

Estou ciente que, a qualquer momento:

- Poderei retirar meu consentimento sobre a coleta de dados na instituição gerida por mim;
- Todas as informações obtidas serão confidenciais, portanto, os nomes dos envolvidos não serão revelados;
- Não haverá nenhuma despesa pessoal, tampouco alguma compensação financeira;
- Em qualquer etapa da pesquisa, poderei ter acesso aos dados, bem como aos responsáveis pelo projeto para eventuais esclarecimentos ou dúvidas;
- Os dados dessa pesquisa poderão ser utilizados pelos pesquisadores em publicações de natureza científica.

---

Assinatura do entrevistado

Renan Pinheiro de Oliveira  
Aluno

Formiga, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**ANEXO F - Declaração de obrigatoriedade de sigilo****Ao Ilma.sr<sup>a</sup>.**

Virgínia Alves Vaz

Coordenadora Geral da Biblioteca Ângela Vaz Leão

Eu, Renan Pinheiro de Oliveira, aluno do 7º período do Curso de Biblioteconomia do Centro Universitário de Formiga UNIFOR-MG, declaro estar ciente da obrigatoriedade do sigilo que envolve os trabalhos de pesquisa de campo, bem como a publicação dos mesmos estar ligada à autorização dos envolvidos desde que essa não afete direta ou indiretamente a Instituição ou alguns dos envolvidos.

Por ser verdade, firmo a presente declaração.

Formiga, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

Renan Pinheiro de Oliveira  
Aluno

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

---

**ANEXO F - Declaração de obrigatoriedade de sigilo****Ao Exmo Sr.**

Prof. Jorge Sundermann

Diretor de Graduação

Eu, Renan Pinheiro de Oliveira, aluno do 8º período do Curso de Biblioteconomia do Centro Universitário de Formiga UNIFOR-MG declaro estar ciente da obrigatoriedade do sigilo que envolve os trabalhos de pesquisa de campo, bem como a publicação dos mesmos estar ligada à autorização dos envolvidos desde que essa não afete direta ou indiretamente a Instituição ou alguns dos envolvidos.

Por ser verdade, firmo a presente declaração.

Formiga, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

Renan Pinheiro de Oliveira  
Aluno

**ANEXO G – Parecer consubstanciado de aprovação COEPEH/ UNIFOR-MG****CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA**CREENCIAMENTO: Decreto Publicado em 05/08/2004  
RECREENCIAMENTO: Decreto Publicado em 15/12/2006

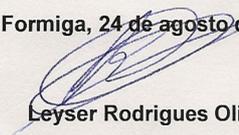
Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

**PARECER CONSUBSTANCIADO**Parecer Nº. **84/2009**Pesquisador (a) Responsável: **Syrlei Maria Ferreira**Equipe executora: **Renan Pinheiro de Oliveira**Tipo de Pesquisa: **Trabalho de Conclusão de Curso - Biblioteconomia**Registro do COEPAH/UNIFOR-MG: **16/06/2009** Processo Nº. **63/2009**Instituição onde será desenvolvido: **Bibliotecas Universitárias do UNIFOR-MG e PUC MINAS ARCOS-MG**Grupo: **III**Situação: **APROVADO**

O Comitê de Ética em Pesquisa Centro Universitário de Formiga analisou o processo Nº. **63/2009**, referente ao projeto de pesquisa: **“CDD X CDU: uma análise comparativa em bibliotecas universitárias”**, tendo como pesquisadora responsável **Syrlei Maria Ferreira** cujo objetivo é **“Analisar comparativamente os sistemas de classificação CDD e CDU em bibliotecas universitária, do ponto de vista de bibliotecários e usuários dos referidos sistema, visando a recuperação da informação”**.

Assim, em conformidade com os requisitos éticos, somos de parecer favorável à realização do projeto classificando-o como **APROVADO**, pois o mesmo atende aos requisitos fundamentais da Resolução 196/96 e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde/MS.

Solicita-se à pesquisadora o envio a este CEP, de relatórios parciais sempre quando houver alguma alteração no projeto, bem como o relatório final gravado em CD-ROM.

Formiga, **24 de agosto de 2009.**  
**Leyser Rodrigues Oliveira****Vice-Coordenador do COEPAH/UNIFOR-MG**